

PROFLETRAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA**

MARIA ANGÉLICA DE AMORIM CORREIA

**A VALORIZAÇÃO DA IMAGEM DO ORADOR NO DISCURSO COMO
PRESSUPOSTO PARA A CONSOLIDAÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO**

**ITABAIANA
2015**

MARIA ANGÉLICA DE AMORIM CORREIA

A VALORIZAÇÃO DA IMAGEM DO ORADOR NO DISCURSO COMO PRESSUPOSTO
PARA A CONSOLIDAÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO

Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF)
apresentada ao PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM
REDE (PROFLETRAS) – UNIDADE DE
ITABAIANA - da Universidade Federal de Sergipe
(UFS), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia
Regina Curado Pereira Mariano, como requisito
necessário para a obtenção de título de Mestre em
Letras.

ITABAIANA
2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Correia, Maria Angélica de Amorim

C824v A valorização da imagem do orador no discurso como pressuposto para a consolidação do ethos discursivo / Maria Angélica de Amorim Correia; orientadora Márcia Regina Curado Pereira Mariano. – Itabaiana, 2015.

72 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2015.

1. Análise do discurso. 2. Linguística textual. 3. Ethos discursivo. 4. Ensino fundamental. I. Mariano, Márcia Regina

Curado Pereira, orient. II. Título.

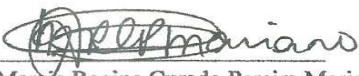
CDU 81'42

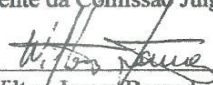



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana

Ata da sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão Final (TCF) para obtenção do título de Mestre em Letras, apresentada por Maria Angélica de Amorim Correia, em 30 de julho de 2015 ao PROFLETRAS-Unidade de Itabaiana.

Aos trinta dias do mês de julho de dois mil e quinze, às 15h00min, no mini auditório do Campus Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe, reuniu-se a Banca Julgadora da defesa de Trabalho de Conclusão Final (TCF) de **Maria Angélica de Amorim Correia** apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP), Unidade de Itabaiana, constituída pelos professores doutores: Marcia Regina Curado Pereira Mariano (PROFLETRAS-Ita), como Presidente da Banca, Wilton James Bernado dos Santos (UFS-DLEV), como Examinador interno, Sônia Pinto De Albuquerque Melo (IFS), como Examinadora externa ao programa; para analisar o trabalho da candidata, apresentado sobre o título: **A VALORIZAÇÃO DA IMAGEM DO ORADOR NO DISCURSO COMO PRESSUPOSTO PARA A CONSOLIDAÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO**. A presidente declarou abertos os trabalhos, a seguir a referida mestranda dissertou sobre o seu trabalho e foi arguida pela Banca Julgadora. Terminada a exposição e arguição, a banca reuniu-se e deliberou pela aprovação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) de Maria Angélica de Amorim Correia, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.


Prof.ª Dr.ª Marcia Regina Curado Pereira Mariano
Presidente da Comissão Julgadora


Prof. Dr. Wilton James Bernado dos Santos
Examinador interno


Prof.ª Dr.ª Sônia Pinto De Albuquerque Melo
Examinadora Externa


Maria Angélica de Amorim Correia

Dedico esta dissertação à minha mãe e ao meu
pai, que assim o são na essência mais pura e às
minhas filhas Sofia, Eulália e Alice:
Ab imo corde: animae meae.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

Aos meus irmãos Tarcísio e Cristiano por sempre cuidarem de mim e das minhas filhas. Ao meu pai e a minha mãe, por tudo o que me proporcionaram ser. Às minhas três princesas que me encantam sempre: Sofia, Eulália e Alice.

À minha cunhada-irmã Sirley, que se fez mãe de minha Alice e me oportunizou os momentos de tranquilidade e serenidade que eu precisava para esta tarefa.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas: as tardes com brigadeiro de colher estarão de volta, já, já!!!

Aos meus amigos pela presença na minha ausência e pela ausência da própria presença, mas sem nunca nos deixarmos.

Aos meus irmãos-amigos-companheiros-comparsas da Companhia de Teatro Cobras e Lagartos, por esses 14 anos. Um terço de minha vida é teatro, as outras partes, são arte.

Aos meus Marcelos, o Marques e o Antunes, pela riqueza histórica e filosófica dividida entre as risadas, as cervejas e os cafés.

A Zaninho Urashima, detentor dos segredos da sétima arte.

Ao grupo de guerreiros e verdadeiramente companheiros conhecido como “primeira turma do Profletras”. Nós somos de verdade, tá?! Não é só amizade de face, nem de temporada não, ainda precisamos do lual na casa de Gilvan!!! E... Edriana...vbw!!!

À minha orientadora, a professora Márcia Mariano, pela confiança, respeito e profissionalismo dispensado e por entrar de cabeça nessa relação a qual, tenho certeza, foi mais de doação que de recebimento. Reforço meu agradecimento com os versos do poeta lagartense, Assuero Cardoso - “Ser professor é caminhar carregando o sol para que no final da estrada cada aluno tenha sua própria luz”.

Aos alunos do oitavo ano “B”, do Colégio Estadual Sílvio Romero, turma de 2014, pela troca de conhecimentos, pela colaboração neste trabalho e pela amizade que nasceu.

Agradeço de forma particular às equipes da Diretoria de Arte e Cultura de Lagarto, das Bibliotecas Públicas Municipais Jornalista José Vicente de Carvalho e Professora Alice Cirila da Silva, do Telecentro Comunitário e do Núcleo de Pesquisa e Historiografia do Município;

tenho certeza que nossa contribuição é carregada de amor e respeito pela cultura e história lagartenses.

Agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste mestrado.

Agradeço à Universidade Federal de Sergipe através da equipe de Coordenação do Profletras-UFS/Itabaiana e aos professores que se dedicaram nestes últimos dois anos colaborando com a nossa formação, Christina Bielinski, Márcia Mariano, Carlos Magno, José Ricardo, Mariléia Reis, Jeane de Cássia e Derli Machado.

E a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação é o resultado de um trabalho de investigação didático-pedagógica que visa observar a constituição do *ethos* discursivo em alunos do Ensino Fundamental Maior e a sua imbricação com a valorização da imagem do orador numa situação de discurso. Para tecer a manta que recobrirá esse processo, usamos a linha da abordagem qualitativa a partir do estudo de caso, alicerçada em teorias que contemplaram os seguintes aspectos: a construção do *ethos*, a relação orador e auditório, o gênero entrevista como instrumento de trabalho e o uso das Tecnologias da Informação - TI - como recurso facilitador da aprendizagem. As considerações foram dispostas neste trabalho trazendo uma reflexão sistêmica do uso da Linguagem como interação e da sua concretização em situações enunciativas. Refletimos sobre quais razões limitam as práticas pedagógicas a colaborarem com a construção do *ethos* discursivo dos alunos e em que momento se faz crucial a intervenção do professor de forma pragmática, para a garantia do sucesso na aprendizagem. O resultado é a criação de um produto – vídeo aula – sobre o gênero textual entrevista oral, que possa ser utilizado como recurso metodológico em situações educativas, colaborando com essa construção da imagem de si – ou imagem construída de si - que contribui com a formação do discente como ser de discurso, autônomo e crítico.

PALAVRAS CHAVE: Auditório. Entrevista. *Ethos* Discursivo. Orador.

RESUMEN

Este trabajo es el resultado de un trabajo de investigación didáctico-pedagógica destinada a la observación de la constitución del *ethos* discursivo de los estudiantes de la enseñanza primaria mayor y su superposición con la valoración de la imagen del orador en una situación de habla. Para tejer la manta que recobrirá este proceso, se utiliza el enfoque de línea cualitativa del estudio de caso, basado en teorías que contemplan los siguientes aspectos: la construcción del *ethos*, la relación entre orador y la audiencia, el género entrevista como herramienta de trabajo y el uso de las TIC's como un facilitador de recursos de aprendizaje. Las consideraciones fueron puestas en este TCF haciendo una reflexión sistémica de la utilización del lenguaje como interacción y su aplicación en situaciones enunciativas. Reflexionamos sobre qué razones limitan las prácticas pedagógicas al ayudar la construcción del *ethos* discursivo de los estudiantes y en qué momento es fundamental la intervención docente de manera pragmática, para garantizar el éxito en el aprendizaje. El resultado es la creación de un producto - la lección en video - sobre el género de entrevista oral textual, que puede ser utilizado como un recurso metodológico en situaciones educativas, trabajando con esta construcción de la imagen de sí mismo - o imagen construida de sí mismo - que ayuda a la formación del estudiante mientras sujeto del discurso, autónomo y crítico.

PALABRAS CLAVE: Audiência. Entrevista. *Ethos* Discursivo. Orador.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I - O <i>ETHOS</i> E SUAS INTERFACES.....	15
1.1 O <i>ethos</i> aristotélico e seus desdobramentos em Maingueneau.....	16
1.1.1 <i>Ethos</i> pré-discursivo e <i>ethos</i> discursivo	18
1.1.2 <i>Ethos</i> coletivo e <i>ethos</i> individual: a relação com as representações sociais.....	20
1.2 Enunciação e cenografia – elementos complementares na construção do <i>ethos</i>	21
1.3 Amossy e a construção do <i>ethos</i> na contemporaneidade.....	23
CAPÍTULO II - A CONCEPÇÃO DE UMA IMAGEM DE ORADOR	25
2.1 Orador e auditório: uma relação circunstancial em Perelman e Tyteca.....	26
2.2 O auditório na construção do <i>ethos</i> discursivo do orador	28
2.3 O orador e a consolidação do <i>ethos</i> discursivo – o lugar do argumento	31
CAPÍTULO III - DOS GÊNEROS TEXTUAIS, A ENTREVISTA	36
3.1 O gênero entrevista e sua função como instrumento de ensino e aprendizagem	37
3.2 O gênero textual entrevista na construção do <i>ethos</i> discursivo.....	40
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA.....	43
4.1 Procedimentos teórico – metodológicos e apresentação do corpus.....	43
4.2 Delimitação da temática e planejamento das entrevistas.....	45
4.3 Aspectos gerais da pesquisa.....	48
4.3.1 O uso das TIC's no processo de ensino e aprendizagem: o lugar do audiovisual na escola	51
CAPÍTULO V - ANÁLISE DOS DADOS.....	54
5.1 Aspectos pertinentes à análise do corpus: A política do Saramandaia x Bole-Bole e suas consequências na construção do <i>ethos</i> político negativo da cidade de Lagarto	54
5.2 Análise dos dados e apresentação da proposta de intervenção	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE.....	75

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - engrenagens do discurso	32
Figura 2 excerto/PCN's.....	37
Figura 3 - excerto/PCN's	37
Figura 4 - sequência didática	46

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - etapas e modalidades de ensino.....	51
Quadro 2 - total de alunos por turno.....	51

INTRODUÇÃO

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.

(Michel Foucault, 1996)

Entre a oralidade e a escrita nos deparamos com um elemento significativo parte integrante e essencial do processo de formação do discente: a autonomia deste, como ser de discurso.

Mesmo com as constantes evoluções e mudanças no processo ensino aprendizagem, a educação depositária ainda pulsa; o comportamento de muitos professores, suas escolhas do “como ensinar”, a grade curricular a ser cumprida, os conteúdos a serem ensinados, as condições de trabalho impostas ao profissional, enfim, toda uma gama de circunstâncias que forma a cena educativa, deixa pouco ou quase nenhum espaço para atividades que valorizem ou estimulem no aluno uma atitude discursiva, autônoma; além de reprimir no educador ações de criação de mais oportunidades para a construção deste comportamento.

A escola, que tem como uma de suas funções o despertar da autonomia na formação de um ser pensante, crítico e consciente, precisa acordar completamente para a importância dessa valorização e consequente realização de práticas de estímulo e melhor desenvolvimento da argumentação no aluno. Esta lacuna é perfeitamente visível quando, numa situação de sala de aula, o aluno é interpelado pelo professor a responder questões do tipo “você é contra ou a favor do aborto?”, ou, “qual a sua opinião sobre a corrupção no Brasil?”, “como o aumento da inflação afeta a vida doméstica da sua família?”. Tanto oralmente quanto por escrito, receber do aluno uma resposta demanda toda outra ação além desta, a de subsidiar teórica e tecnicamente o discente para que, de posse das informações necessárias, este seja levado a uma conscientização acerca da realidade na qual está inserido, para, a partir desse embasamento, manifestar em si a figura do orador crítico, atualizado, autônomo.

Considerando esse descompasso entre o que se propõe para o ensino e o que realmente se efetiva para a aprendizagem, angústia sempre constante no cotidiano dessa vida educacional, percebemos a necessidade premente de arrefecer esse sentimento. Neste Trabalho de

Conclusão Final (TCF) partimos do pressuposto acima descrito para apresentar o resultado de pesquisa teórica conjugada a uma análise de dados coletados em experiência didático-pedagógica, com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental Maior, através da sugestão de atividade de intervenção estratégica com o gênero entrevista, na intenção de possibilitar a criação de material de aporte para o docente em suas aulas e colaborar com o aluno no reconhecimento de si como construtor do próprio conhecimento.

Portanto, o primeiro capítulo alicerça-se nos aspectos teóricos considerados relevantes quando a temática é a concepção de uma imagem de si num empreendimento oratório. Tal discussão é considerada importante na formação do aluno, posto que a escola seja essencialmente um lugar de argumentação e de formadores de opinião. No segundo capítulo trouxemos reflexões que reforçam nossa preocupação enquanto docente na descoberta da capacidade de convencimento do discente num empreendimento linguístico, analisando a figura enunciatória do orador, sua relação com o seu auditório e buscando o lugar do argumento na relação entre esses seres. Ainda no âmbito teórico, mas com relevantes inserções no campo pedagógico, adentramos no terceiro capítulo apresentando o gênero textual entrevista como instrumento de trabalho que faz o papel de elo entre os capítulos anteriores e abre o campo para a sugestão de atividade pretendida. O quarto capítulo enfatiza a metodologia utilizada bem como apresenta dados gerais sobre a pesquisa e o uso das TIC's como recurso integrante do processo ensino-aprendizagem nos dias atuais; por fim, no quinto capítulo adentramos a apresentação dos dados e a análise descritiva, tendo como resultado de proposta didático-pedagógica, um vídeo aula.

Segue, portanto, o arcabouço teórico que incitou a possibilidade deste trabalho e o referendou, dando-lhe os subsídios necessários para o seu desenvolvimento e conclusão. Não queremos em circunstância nenhuma subentender que assim o sendo, esgotam-se quaisquer outras possibilidades de discussão e construção do conhecimento a respeito da temática escolhida, em hipótese nenhuma isso seria possível, apenas registramos a singela contribuição no campo científico e, tanto quanto pertinente, no campo pedagógico das reflexões aqui descritas para estudantes e pesquisadores da área, colegas de trabalho e leitores afins, na labuta diária do entendimento, melhoramento e porque não dizer aperfeiçoamento da sua prática pedagógica em busca de uma educação de qualidade.

CAPÍTULO I - O *ETHOS* E SUAS INTERFACES

Palavra lê
Paisagem contempla
Cinema assiste
Cena vê
Cor enxerga
Corpo observa
Luz vislumbra
Vulto avista
Alvo mira
Céu admira
Célula examina
Detalhe nota
Imagem fita
Olho olha

(Arnaldo Antunes / Imagem)

Neste capítulo apresentamos algumas concepções a respeito de *ethos* projetando nelas as interpretações atribuídas pela retórica antiga, partindo de Aristóteles, na Grécia; não desconsiderando o pensamento romano, mas saindo do pressuposto notado por Maingueneau (2011) de que as bases para a constituição teórica da noção do *ethos* é o pensamento grego, também apontado pelo autor como a primeira elaboração conceitual chegada até nós, e por Eggs (2013) em seu estudo sobre o *ethos* aristotélico. Em seguida aprofundamos o estudo desses conceitos considerando que “[...] o *ethos* está ligado crucialmente ao ato de enunciação [...]” (MAINGUENEAU, 2011, p.15) e está em constante estado de construção tendo no discurso o seu campo de existência. Neste caminho, consideramos providencial perpassar por Charaudeau (2008) e Auchilin (2008) quando da apresentação desses conceitos. Encerramos o primeiro capítulo levando em consideração uma imprescindível reflexão levantada por Amossy (2013, p. 10), no processo de construção do *ethos*: a de que “a retórica está ligada a noção de *ethos* todos concordam, mas está hoje, depois da concepção da pragmática da linguagem, o *ethos* ligado à concepção de retórica?”. Deste caminho da retórica até a análise do discurso, destacaremos pontos importantes para a análise do *corpus* deste trabalho que se fixa no aluno como construtor do seu *ethos* discursivo.

1.1 O *ethos* aristotélico e seus desdobramentos em Maingueneau

Em Aristóteles (2005) a noção de *ethos* só pode ser compreendida juntamente a dois outros elementos do processo retórico considerados pelo filósofo a tríade responsável pela eficácia do discurso, o *logos* e o *phatos*. Diante da necessidade dessa inteiração entre os três vértices da ideia discursiva, o *ethos* configura-se a partir do viés mais social daquilo que se quer dizer e da forma como o que é proposto é organizado por quem determina transmitir a mensagem, comunicar as bases de seu pensamento e proporcionar conhecimento em quem é contemplado com tal informação. Para que esse conjunto de caracteres possa fazer efeito é que os outros dois conceitos basilares surgem, sendo o *logos* o cerne das informações, da capacidade discursiva e da própria retórica envolvida no labor de expor um ideal, no qual o indivíduo vai buscar a força discursiva necessária para estabelecer a concretude de seus argumentos e do seu próprio saber, e transmiti-lo com a firmeza e a honestidade necessária a quem quer ser convincente. Obviamente, ainda se faz pertinente saber a condição interpretativa do público a quem se pretende atingir, para que dessa forma seja eficaz um discurso que atinja tais ouvintes na nevrurgia de seus anseios, para que se possa buscar exatamente onde se quer alcançar e afetar os indivíduos em seu âmago, em seu *phatos*.

No entanto, é o primeiro que possui o papel mais importante, dado ao seu aspecto moral ou ético mostrado pelo enunciador num ato discursivo. Segundo Eggs (2013, p. 29-56) “[...] o orador que tem o potencial de mostrar em seu discurso um caráter honesto parecerá mais digno de crédito aos olhos do seu auditório.” Este mesmo autor também aponta na Retórica de Aristóteles outro veio para a compreensão da palavra *ethos* ligado não ao seu sentido moral e ético, mas a um sentido neutro ou ‘objetivo’, munido de hábitos, modos ou costumes e ainda defende que ambos os sentidos devem ser considerados fundamentais em qualquer discurso, já que a arte de convencer considera o ser e o parecer como elementos argumentativos na persuasão. Numa dimensão prática da retórica, junto ao *ethos*, o *phatos* e o *logos* são ferramentas de convencimento, meios de prova empregados pelo orador numa situação de persuasão; se cabe ao *ethos* o caráter do orador, o *phatos* se encarrega das paixões despertadas no ouvinte, enquanto que ao *logos* se atribui o próprio discurso.

Posto que a compreensão do *ethos* não possa ser dissociada dos elementos do processo retórico e conscientes que está ligada ao ato de enunciação, Maingueneau (2011, p. 13) considera que:

A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório ganhando sua confiança. O destinatário deve, então, atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo.

Essas propriedades que devem estar presentes no discurso são qualidades que inspiram confiança e Aristóteles nos apresenta, sendo: a *phrónesis*, a *areté* e a *eúnoia* traduzidas em Eggs (2013) como prudência, virtude e benevolência.

Tomando o fato de que o *ethos* está intrinsecamente ligado à enunciação Maingueneau (2013) e de que esta cena depreende a forma como o discurso será aceito por quem se pretende atingir, um dos aspectos mais pertinentes é entender diretamente que tipo de organização se pretende enquanto orador, e de que forma a ideia desse indivíduo vai chegar para aqueles a quem ele pretende atingir. Sendo o *ethos*, a partir do ideal aristotélico, a compreensão de como é possível utilizar a retórica para proporcionar uma perspectiva mais aceita e coerente no discurso, é perceptível o esforço de Maingueneau em determinar uma postura pertinente à impressão e até mesmo ao carisma exalado por quem fala como um dos trunfos da comunicação coerente e eficaz em detrimento de fatores externos de influência que podem ou não ser utilizados para compor o conjunto ideal de características que conduzam o discurso, a informação, o público e a aceitação daquilo que é falado. Dentro dessa concatenação de ideias, se as vertentes aristotélicas debruçam-se em situações sociais, que privilegiam o sensível para a formulação de uma postura coerente ao discurso, Maingueneau vai alongar-se e privilegiar uma seleção retórica que tenha em seu cerne o recorrente uso de ferramentas sociais que possam dar segurança, confiabilidade e carisma na elaboração de um *ethos* discursivo e pertinente.

1.1.1 *Ethos* pré-discursivo e *ethos* discursivo

Diante da afirmação de que o *ethos* é um processo que parte do indivíduo para o grupo a quem esse indivíduo tenta atingir e reiterando o conceito de que é necessário entender quem se quer representar e como essa imagem pode ser utilizada no contato com as outras pessoas, o aspecto crucial passa a ser como interpretar essa relação entre o enunciador e o receptor de forma a maximizar a ação de se colocar diante do conhecimento e expor esse conhecer de maneira confiável e eficaz. O primeiro aspecto é reafirmar o caráter prático do discurso e de sua análise, na linha seguida por Auchlin (2008, p. 93), “A noção de *ethos* é uma noção com interesse essencialmente prático, e não um conceito teórico claro (...). Em nossa prática ordinária da fala, o *ethos* responde a questões empíricas efetivas, que têm como particularidade serem mais ou menos co-extensivas ao nosso próprio ser”.

Assim, o *ethos* é um mecanismo prático que se fomenta na esteira de uma transmissão de informação direta, favorecendo a comunicação e o discurso. Sendo dessa forma, para compreender essa noção, a ideia passa a ser a de determinar o que compõe este último. De acordo com Maingueneau (2011) dois polos compõem o discurso, no que competem ao *ethos*, essas duas formas de entendimento podem ser traduzidas na concepção de *ethos* pré-discursivo e de *ethos* discursivo (sendo, de forma introdutória, o primeiro, como a concepção que o grupo ou o indivíduo que ouve a mensagem tem previamente daquele que fala, antes mesmo que ele fale; e o segundo aspecto, o conjunto de ferramentas utilizadas no discurso para imprimir uma legitimidade, uma confiabilidade e uma competência na tarefa de transmitir a ideia). Para o embasamento do que se propõe nesse estudo, cabe uma análise de cada uma dessas vertentes.

Levando-se em consideração que o *ethos* buscado no presente entendimento está ligado à análise do discurso, a relação que se propõe é sempre a daquele que discursa em relação àquele que ouve o que se fala. Nesse contexto, como em qualquer relação social, e tomando o homem nas palavras do próprio Aristóteles, como “um animal social”, a concepção que se tem de alguém se norteia por alguma imagem estabelecida anteriormente desse indivíduo ou daquilo que ele representa para quem o está ouvindo. Dessa noção que vai surgir, dentro da análise do discurso, o *modus* do *ethos* pré-discursivo nada mais é do que a imagem criada por aqueles que vão ouvir o discurso em relação àquele que vai pronunciar esse mesmo discurso, mas, ainda mais determinante, a imagem que o próprio enunciador esforça-se em criar para que esta possa ser uma

ferramenta a mais ao referendar aquilo que ele se propõe a transmitir. Dessa forma, o *ethos* pré-discursivo é tanto o estereótipo criado pelo público, quanto a reputação criada pelo enunciador visando fortalecer o seu discurso.

Partindo da distinção dos *ethe* constituída por Maingueneau, se o *ethos* pré-discursivo é a concepção não falada contida no interlocutor e que faz parte da montagem da imagem que se faz dele e que ele mesmo tenta fomentar, lógico seria afirmar que o *ethos* discursivo está para a prática do discurso, para a exposição das ideias em torno da informação a ser transmitida por aquele que se propõe a tarefa de falar. O autor que tende na sua análise do *ethos* a criar um esquema pertinente de como o discurso pode se fazer presente na sociedade vai explicitar que o *ethos* discursivo, também chamado de *ethos* mostrado, é o uso das ferramentas da linguagem em prol da legitimação daquilo que já se pensava acerca do seu discurso; já Amossy (2013) considera que também pode ser o contrário: na enunciação esse *ethos* pré-discursivo pode ser refutado, modificado, adequado. Se, desde a antiguidade e com maior ênfase nos filósofos gregos, sejam estes sofistas, pré-socráticos ou de qualquer outra corrente, o ideal de um conhecimento passa pela perspectiva dialógica, a forma como esse diálogo se sucede é primordial na possibilidade de buscar o sucesso da retórica. De acordo com Maingueneau, no refinado esquema do *ethos*, para a análise do discurso, o *ethos* discursivo é uma espécie de estandarte empunhado pelo enunciador, onde ele pretende dar o fortalecimento necessário para que sua reputação, sua fama (seu *ethos* pré-discursivo) possa se confirmar ou até se maximizar diante do seu público, ou ainda, derrubar completamente a imagem pré-estabelecida, seguindo no esteio de uma tendência a surpreender (seja positiva ou negativamente) seus interlocutores.

Com tais considerações, fica ainda mais latente a determinação de que, na análise do discurso, cada um dos fatores aponta para fortalecer o processo comunicativo e que, cada uma das ferramentas compõe um cenário fascinante onde a retórica é a principal privilegiada. Mais do que isso, não se pode relegar a segundo plano nenhuma das formas de buscar esse fortalecimento, uma vez que, estando em uma sociedade de cunho capitalista, o processo de competição, de convencimento, de conquista das prerrogativas favoráveis a cada um são de importância notável. Sobretudo diante da dicotomia entre coletividade e individualidade, as quais serão objetos de análise doravante nesse estudo.

1.1.2 *Ethos* coletivo e *ethos* individual: a relação com as representações sociais

Partindo do princípio de que os aspectos ligados à análise do discurso e da retórica se desenvolvem em um ambiente de cunho social, faz-se necessário perceber como essa ideia se propaga e quais os fatores que favorecem a formação desse *ethos*, seja ele discursivo, seja pré-discursivo e, para além disso, perceber a existência de um contexto de representação social no qual esse ideário do discurso floresce, uma vez que o discurso não se mostra homogêneo nas sociedades porque as próprias sociedades não têm essa homogeneização em suas análises, em sua ética e em seu discurso. Diante da temática do *ethos*, então, parte-se para a análise da forma como há a concepção do *ethos* em relação aos grupos sociais: o *Ethos* Coletivo e o *Ethos* Individual. É nessa linha que se seguirá agora.

Lembrando mais uma vez que o cerne da discussão sobre a análise do discurso é um embate de cunho retórico e social e que para entender tais ideias é necessário, sociologicamente compreender que a sociedade é formada de grupos sociais, teoria muito bem estabelecida por cânones das ciências sociais como Durkheim, principalmente por Weber e que, quando se vive em sociedade, todos estamos sujeitos às chamadas Ações Sociais, aquelas que regem os indivíduos em relação aos grupos e aos outros membros do convívio social. Segundo Weber (1999) a ação se conceitua pelo comportamento humano através de uma relação subjetiva entre os indivíduos, enquanto que a ação social se caracteriza pelo seu sentido dirigido e é determinada pelo comportamento de outrem.

Diante disso, a sociedade é formada por valores estabelecidos e que compõe a formação de uma Moral, que tende a ser individualizada e particular, e de uma Ética que normalmente se refere aos valores coletivos que uma sociedade adota e que passa a respeitar, como suas leis, suas regras, seus aspectos básicos de convivência. Assim sendo, cada sociedade tem para si conjuntos bem específicos de ideias que as formam e, dentro desses valores as suas representações, seus símbolos, em resumo, sua própria ética. Ao se vislumbrar uma sociedade extremamente plural é preciso se ater às suas representações, o que vai dar a cada grupo social seu próprio caráter, suas particularidades.

Dessa forma, podemos afirmar que, diante da individualidade da moral e da coletividade da ética, só se pode perceber uma multiplicidade coletiva, uma vez que os próprios membros dessa coletividade tendem a ser individualizados e particulares. E como essa noção

social abordada pode propiciar um entendimento ainda maior da ideia de *ethos*? Com a inserção de dois conceitos bastante peculiares e com alto poder de integração: o *ethos* coletivo e o *ethos* individual. A distinção entre ambos é tão pertinente quanto a própria possibilidade de integração entre eles para a representação do *Ethos* em sociedade. Assim, Charaudeau (2008, p. 116), vislumbra essa relação de forma bastante direta quando explana que “o *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais que tendem a essencializar essa visão, ele pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos”.

Sendo o *ethos* essa construção citada e tendo um caráter social claro, sobretudo em seu viés discursivo, ele parte de uma formação particular, onde o próprio indivíduo faz sua própria análise de mundo para poder originar suas ideias e formar nessas ideias características que proporcionem, inicialmente, uma forma mais pertinente de interação social. Essa perspectiva particular sobre o mundo e sobre a forma de interação própria ao discurso foi chamada por Maingueneau e, principalmente por Charaudeau de *ethos* individual, sendo, então de forma conceitual as ideias relacionadas a um sujeito apenas e que podem ser expandidas de forma a atender um grupo e a caracterizá-lo; partindo aí para o *ethos* coletivo, a imagem correspondente a um grupo e que é perceptível a outro a partir da compreensão externa que esse grupo transmite aos outros grupos, ditando assim, a opinião e a ideia que o grupo social terá acerca do mundo à sua volta.

É dessas concepções que surgem os discursos adaptados a um determinado nicho social, no qual são levados em consideração estereótipos, ideias pré-concebidas e noções específicas de compreensão que vão proporcionar ao enunciador ou ao grupo do qual ele faz parte, criar um discurso específico e todo um cabedal de possibilidades em busca da legitimação de seu discurso para o grupo a que se pretende atingir. Daí a abertura de possibilidades que se faz na construção do processo de comunicação e na retórica discursiva.

1.2 Enunciação e cenografia – elementos complementares na construção do *ethos*

Uma vez identificada a questão do *ethos* enquanto princípio social, oriundo de uma visão inicialmente pessoal e individualizada e depois passando a ideia de uma coletividade, seja de análise, seja de postura em relação ao discurso é que foi possível perceber mais profundamente - nos autores e também nos mecanismos de formação do *ethos* pré-discursivo - a

formação de estereótipos, de marcas para fundamentar o discurso e também a utilização de uma pré-noção como forma do interlocutor se aproveitar de seu público ou os aspectos favoráveis a esse mesmo expositor em relação ao seu público para legitimar as suas ideias através do *ethos* discursivo. No entanto, é muito amplo o leque de possibilidades que se tem, quando especificamos a tarefa de interagir com um público, com uma sociedade e com a forma como essas ferramentas serão dispostas para atingir mais plenamente a tarefa de uma aplicabilidade do discurso bem sucedida. Mas, e que outros mecanismos complementares podem auxiliar na construção do *ethos*? Decerto vários, nesse trecho do presente trabalho traremos da Enunciação e da Cenografia.

Que o *ethos* está atrelado, na análise do discurso, ao processo de transmissão de conhecimento que o indivíduo se propõe a fazer, isso já foi dito nos trechos anteriores e referendado tanto por Maingueneau quanto por Charaudeau. A questão agora passa por aquilo que será a fala do enunciador e de como as informações que esse enunciador tem poderão ser organizadas em prol de um discurso coerente e efetivo aos ouvidos e as percepções do público que ele tende a atingir. A esse processo de organização das palavras, da colocação da voz, da instrumentação do corpo, chamamos de enunciação, ou seja, conceituamos a enunciação como a capacidade que o intérprete tem de utilizar todo o seu “arsenal” de competências somadas na construção do *ethos* para atingir de forma mais bem sucedida o seu objetivo central que é a exposição do seu conjunto de argumentos e ideias, como referenda Maingueneau (1997, p. 50) “a enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem”. Dessa forma, para organização desse tema, a enunciação seria a poderosa ferramenta de ideias pertinentes ao interlocutor, das quais ele faz uso no labor de transmitir a mensagem que é pretendida.

Não obstante toda a importância que a enunciação tem, outros elementos complementares são possíveis de ser utilizados para maximizar aquilo que se quer transmitir e, nesse contexto, a cenografia aparece como forma bastante válida de auxílio para o interlocutor em sua tarefa. Para iniciar essa atividade, faz-se necessário entender que a cenografia aqui não diz respeito à paisagem, ao cenário, ao espaço cênico em que o interlocutor vai desfilar o seu conhecimento. De acordo com Maingueneau (2008) a cenografia é a posição que tanto o indivíduo quanto sua palavra assume como forma de fortalecer e, porque não dizer, fascinar o

ouvinte para atingir o objetivo. Seria desde a reputação atingida pelo interlocutor ainda no estágio do *ethos* pré-discursivo até o peso de suas palavras levando em consideração o *pathos* de quem seria atingido, passando pela sua indumentária, pelo cenário, pela gravidade da voz, enfim, tudo que compõe o complexo cenário do discurso e da fala.

A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém, a política, a filosofia, a ciência... (MAINGUENEAU, 2005, p. 77).

Quando Maingueneau observa mais esse aspecto de forma ampla, chamando a cenografia tanto de fonte do discurso como do cenário que sustenta esse discurso, está percebendo a importância de todo o processo de formulação do *ethos*, sem que haja nele nenhuma parte descartável ou que seja relegada a segundo plano. Percebemos, então, que na difícil tarefa de estabelecer comunicação entre os indivíduos tudo que possa favorecer aquele que dispõe da fala é extremamente importante e válido.

1.3 Amossy e a construção do *ethos* na contemporaneidade

Encerrando essa primeira parte do presente estudo, segue uma contextualização do *ethos* na contemporaneidade a partir das contribuições reunidas por Ruth Amossy que adota aspectos muito semelhantes àqueles abordados por Maingueneau e por Charaudeau em relação à importância do *ethos* para a análise do discurso. Diante das ideias expostas até aqui, tendemos a referendar tudo aquilo que foi citado em trechos anteriores, sobretudo na valorização que a autora faz do processo da fala e do discurso ligado ao *ethos* como forma de comunicação plena e sociável nos dias de hoje. Principalmente, partindo do pressuposto de que uma sociedade que busca a comunicação em seus mais diversos níveis e a todo o tempo, além de sopesar a herança iniciada com o *ethos* aristotélico, vai encontrar uma nova perspectiva, sobretudo, em Maingueneau, sendo isso de vital importância para um fortalecimento da retórica e da transmissão de ideais na contemporaneidade.

Um dos aspectos mais fortes do texto de Amossy e da sua observação em autores como Barthes, Ducrot e do próprio Maingueneau é a valorização do sujeito em relação à prática

discursiva, na qual a fala seja um introdutório da ideia e que permita análises posteriores tanto do interlocutor quanto do seu público. Diante de exemplos vários em relação à contemporaneidade, Amossy aponta para o *ethos* como consolidação do discurso político e também do discurso panfletário em relação à organização das ideias democráticas. Perante uma sociedade contemporânea que busca a consolidação do discurso social e que propõe mudanças radicais no ideal político, o conhecimento do que se fala e a possibilidade de utilização dos conhecimentos oriundos da análise do *ethos* parece ser de vital importância no processo de formação de um discurso coerente e capaz de convencer a todos que compõe o cenário político, seja partidário e regional, seja globalizado e geopolítico mundial.

CAPÍTULO II - A CONCEPÇÃO DE UMA IMAGEM DE ORADOR

Todo indivíduo precisa, para desfrutar da condição humana, assumir um lugar dentro do discurso cultural que lhe atribui a identidade histórica de ser linguístico e social. De modo que, para processar sua trajetória no âmbito da imagem de mundo estruturada que lhe oferece a aventura de existir, o indivíduo precisa exercer a condição linguística de locutor. Assim, é facultada a todos os indivíduos a instância linguística da enunciação, que lhes permite acessar o inventário cultural da experiência humana, tornando-o fluxo semiotizante de suas próprias experiências.
(Anazildo Vasconcelos, 2010)

Este capítulo trará considerações a respeito do orador e do seu auditório que podem ajudar a compor a imagem de orador como pressuposto para a consolidação do *ethos* discursivo que pretendemos representar neste trabalho. Isso se justifica em virtude do caráter do *corpus* desta pesquisa – entrevistas – possuir em seu cerne a existência de *recursos discursivos*¹ para se obter a adesão do auditório pelo orador. Em primeira instância a estrutura deste capítulo apresenta primeiramente os conceitos de orador e auditório em Perelman e Tyteca (2005) e trata dessa relação como algo circunstancial que dependerá da qualidade do orador como “ser” discursivo e do auditório como “ser” passível de persuasão. Na sequência abordamos a importância do auditório como elemento na construção do *ethos* discursivo do orador através dos elementos constitutivos da retórica segundo Ferreira (2010) num diálogo com os primeiros autores e finalizamos, acrescentando a essa discussão, Reboul (2004) procurando mostrar o lugar do argumento nessa relação.

1 Em Perelman e Tyteca (2005, p.08) encontramos que a ação do orador por sobre o seu auditório depende de uma adaptação do primeiro ao segundo e/ou vice-versa, mas exige daquele um acervo eficiente e eficaz de recursos discursivos que condicionem o auditório mediante sua argumentação para conquistar a adesão dos espíritos ao seu discurso. A respeito desses recursos discursivos, os autores informam são *as técnicas que utilizam a linguagem para persuadir e para convencer*.

2.1 Orador e auditório: uma relação circunstancial em Perelman e Tyteca

Ao proporem uma versão contemporânea da retórica, os autores Perelman e Tyteca (2005) anunciam que seu estudo se desdobrará sobre os *recursos discursivos* necessários para se obter a adesão do auditório mediante o próprio discurso. Assim o fazem, introduzindo um novo olhar sobre as técnicas de persuasão e convencimento existentes na linguagem responsáveis pela manutenção e inserção do interlocutor numa situação de interação, através de elementos que podem ir da ordem em que os argumentos são apresentados ao condicionamento do auditório pelo orador através das suas capacidades intelectual e afetiva.

Para delimitarmos essa relação, partimos de uma assertiva em Perelman e Tyteca (2005, p. 20) de que é necessária alguma atenção daqueles a quem a argumentação se destina para que esta se desenvolva. De fato, a relação entre aquele que fala e aquele que ouve - *orador* e *auditório* – depende do poder de persuasão do primeiro e da disposição do segundo em ouvi-lo, e pode variar dependendo das circunstâncias de enunciação.

De acordo com os autores estudados, uma argumentação desenvolvida pelo orador de forma verbalizada e diante do auditório tem melhores resultados do que sendo feita através de um canal impresso². Destarte, é necessário considerar as condições *prévias de argumentação* que vão de como o orador está vestido a simplesmente representar um determinado grupo, mas não somente elas, a relação dependerá das funções que a autorizam trabalhar e são convencionadas diante das circunstâncias às quais se encontram.

Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa a adesão daqueles a quem ela se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 21).

Para Perelman e Tyteca é preciso que o orador leve em consideração a adesão do interlocutor, é necessário estabelecer uma ligação íntima deste com o discurso proferido; é preciso modéstia, capacidade de ouvir e ser ouvido, ler e ser lido, entrar em sintonia com seu

2 Aqui se trata da relação de autorização que se estabelece entre orador e auditório numa situação de interação, se considerarmos que esse contato acontece através de algum material impresso, essa “qualidade do orador, sem a qual não será ouvido, nem muitas vezes, será autorizado a tomar a palavra, pode variar conforme as circunstâncias.” (Perelman, 2005, p. 21)

público e estabelecer uma relação de confiança que, pressupõe-se, dará ao orador o êxito esperado do auditório numa situação de comunicação. A argumentação, portanto, pede do orador uma competência tal que o mesmo seja capaz de deliberar enquanto discursa a respeito dos termos de seu discurso de acordo com o envolvimento do seu auditório, ao mesmo tempo em que, durante o mesmo processo, pode ou não modificar a ideia que tem deste mesmo destinatário.

Consideremos, pois, numa situação de entrevista, mesmo tendo previamente delimitado o objeto da conversa, o orador se deparar com um desdobramento do tema e tenha que, ao final do seu discurso, retomar o ponto em que houve o desvio, sem, entretanto, perder do seu auditório, a adesão já conquistada?

Cabe aí usar o reconhecimento e a definição do auditório como Perelman (2005, p. 22) o faz, sendo este um “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”; mesmo inferindo sobre a dificuldade de determinar o auditório de quem fala, pois o mesmo tem “vida própria”, mesmo sendo passível de convencimento. Todo aquele que se destina a uma missão de persuasão deve previamente conhecer as características de seu público, quais são seus verdadeiros valores e como os hierarquiza numa situação de convencimento. Desta forma, a relação entre o orador e o auditório dependerá das circunstâncias em que a situação de enunciação se faz. Se, durante a situação de entrevista, o locutor teve / ou não a habilidade de, fazendo uso das técnicas de argumentação e convencimento, manter / ou não a adesão do público, o fato de citar outros temas não recorrentes ao discurso, pode até ser considerado como uma estratégia de retomada ou manutenção da confiança do locutário.

Para o professor, esse processo é continuamente um evento de conquista, podemos dizer até de enamoramento, posto que para conquistar a adesão dos alunos em qualquer empreendimento pedagógico, é preciso demonstrar além da capacidade de raciocínio – o *logos*; também a paixão e o uso da emoção – o *phatos*; bem como da imagem que apresenta na situação de persuasão – o *ethos*. É preciso que o professor pense nos alunos como seu auditório e os defina e/ou divida de acordo com os valores a que aderem, inserindo-os no discurso não somente enquanto auditório, mas também e primordialmente como oradores. É nessa inversão de papéis, nessa troca de lugares que o aluno tomando para si a identidade de orador constrói sua autonomia discursiva, pois é “no segredo das deliberações, modificando a ideia que o orador tem de seu auditório, que se transformam os termos de seu discurso”, conforme enuncia Perelman e Tyteca (2005, p. 21-22). Essa relação ora estabelecida se fundamentará nos acordos prévios instaurados

entre orador e auditório. Professores e alunos deverão mostrar interesse prévio no debate da questão suscitada, este acordo é passo primordial para a existência dessa relação.

2.2 O auditório na construção do *ethos* discursivo do orador

A instauração de um acordo prévio entre o orador e seu auditório inicia o processo de argumentação que sugere, nesta existência de consenso, a admissão por parte dos interlocutores das premissas do conteúdo a ser discutido. No palco da argumentação perelmaniana o auditório deve ser presumido pelo orador e o “conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, considerado, pois, uma condição prévia a qualquer argumentação eficaz” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 23). Diante desse conhecimento são feitas as suas escolhas argumentativas com vistas à persuasão. Neste cerne, o orador que deseja conquistar “indivíduos concretos” deve construir o auditório conforme a realidade, que é o que se entende por auditório presumido, pois o equívoco em não fazê-lo pode ocasionar um efeito contrário ao esperado e resultar num empreendimento constrangedor. O conhecimento prévio dos valores admitidos por seu auditório influenciará na hora do acordo e direcionará a escolha adequada dos argumentos.

Sendo a palavra e os seus usos, bem como os seus sentidos e objetivos o nosso instrumento de trabalho, como professores de Língua Portuguesa, cabe-nos a reflexão a respeito dos elementos de formação do ser discursivo e como proceder nas escolhas de abordagens pedagógicas que o aproximem do sucesso oratório. Essa preocupação nos traz a necessidade de tratar aqui dos pilares que constituem o sistema retórico: a invenção, a disposição, a elocução e a ação. Buscamos em Ferreira (2010) esses conceitos por corroborar com o autor quando afirma que “a forma como tratamos a palavra pode ser fundamental para encontrar o caminho da persuasão”; destarte, não podemos tratar a palavra sem o respeito que ela merece, pois estaríamos envolvendo nessa negligência o nosso interlocutor o que contraria a essência do discurso e o comprometeria seriamente. Com a elucidação desses elementos passaremos a construir o elo sobre o processo de produção da imagem que o locutor faz ao apresentar um discurso argumentativo-persuasivo e evidenciaremos também na análise do *corpus* o quanto o auditório influencia no decurso da interlocução.

São as evidências apresentadas no instante do discurso que o sustentam e validam. Para obter essas provas é preciso que o caráter investigativo do orador se mostre. Este momento

de procura das evidências que sustentarão o discurso é conhecido como invenção ou, *inventio*, pois:

É no momento da invenção que o orador demonstra conhecer bem o assunto e, por isso, consegue reunir todos os argumentos plausíveis para a interpretação do discurso. É também nesse momento que se interroga sobre o auditório, identifica-se com ele para que possa estabelecer acordos, encurtar distâncias por meio do assunto que irá desenvolver. A invenção pode ser invisível ao auditório, mas é sensível para o analista, pois se traduz na disposição, na elocução e na ação. (FERREIRA, 2010, p. 63).

Sendo a relação com o auditório algo circunstancial, como já apresentado anteriormente, e pensando o orador como o aluno numa situação discursiva, é preciso que neste seja despertado o desejo de procura das provas que sustentarão sua fala diante do público ao qual se dispõe (colegas discentes, professores, entrevistados etc). Isto acontecendo, estamos acordando o espírito investigativo necessário a qualquer pessoa que se aventure a iniciar um ato enunciativo, este primeiro passo denota a presença de prudência, uma das propriedades intrínsecas ao orador que queira causar boa imagem enquanto constrói seu ethos discursivo.

O segundo pilar a ser considerado não pode ser dissociado da *inventio*, segundo Ferreira (2010), é a *dispositio*, ou disposição. Ambos acontecem concomitantemente e sofrem a “influência” das “diversas partes do discurso”:

A *dispositio (taxis)* ou disposição é a etapa em que são organizados e distribuídos os argumentos de maneira racional e plausível no texto, em busca de uma solução para um problema em tela. Na *inventio*, o orador junta as provas e na *dispositio* coloca-as no texto em ordem lógica ou psicológica de modo que constituam uma unidade que atinja o objetivo de persuadir. (FERREIRA, 2010, p. 110)

Essa trajetória de organização textual se dá também no âmbito da oralidade quando do gênero textual entrevista, ao considerarmos o planejamento da mesma que será descrito no terceiro capítulo deste trabalho. Ainda na construção do *ethos* discursivo, esta preocupação com a organização das provas no discurso pode ser considerada prudência do locutor e sua preocupação com o auditório a quem se destina, firmando mais ainda a influência deste na construção daquele. Para Perelman e Tyteca (2005, p.132) “o papel da seleção é tão evidente que, quando alguém menciona fatos, deve sempre perguntar-se o que estes podem servir para confirmar ou invalidar”.

A terceira instância de sustentação da retórica é a *elocutio*, ou elocução, é o que Ferreira (2010, p. 116) considera como “a redação do discurso”, é o modo como empregamos as palavras no momento de proferi-las, e vai além do estilo “[...] abrange o plano da expressão e a relação forma e conteúdo”. Pode denotar também “um conjunto de características relativas à comunhão com o auditório”, (PERELMAN E TYTECA, 2005, p. 185) e presume o uso de vários recursos do sistema linguístico como estratégias de discurso responsáveis pela persuasão, a exemplo das figuras de retórica e argumentação, classificadas por Perelman e Tyteca (2005) e vistas em Ferreira (2010) como sendo figuras de escolha, ou caracterização – responsáveis por impor ou sugerir uma caracterização; figuras de presença – responsáveis por “despertar o sentimento de presença do objeto do discurso” na mente de quem o profere e de quem o lê ou ouve; e as figuras de comunhão – que suscitam a participação do auditório.

Não cabe aqui uma conceituação extensa das mesmas, mas é importante elucidar sua importância para a contextualização dessa dissertação, pois a confiança no *ethos* do orador sobrevivendo do auditório dependerá da identificação e reconhecimento que o orador tem de sua autonomia enunciativa. Temos aí uma via de mão dupla: o auditório ao qual se destina o orador é corresponsável na construção da imagem do orador no discurso, assim como este é coadjuvante nas escolhas do enunciativador quando da situação discursiva, quer oral, quer escrita. Neste momento é importante que o orador mostre segurança sobre o assunto em pauta e consolide-se como tal ao se reconhecer nessa estrutura como ser capaz de produzir sua própria identidade discursiva, o seu *ethos*.

Dessa forma, se podemos pensar no *ethos* como um mecanismo prático que favorece a comunicação que parte de um indivíduo para outro/s, ou grupo/s de outros, ligado em sua essência ao ato de enunciação, temos na figura do orador, durante a elocução, uma imagem mostrada que requer, a partir do momento em que esta se projeta para o seu auditório, componentes linguísticos e extralinguísticos que objetivam a conquista, a adesão do receptor; recaindo, por conseguinte, na *actio* ou *pronuntiatio* que é a:

[...] emissão, perante o auditório, do texto construído pela atividade das três operações anteriores constituintes do discurso (*inventio*, *dispositio*, *elocutio*). A ação tem como finalidade a captação da atenção do auditório e a persuasão. [...] A *actio* trabalha com os componentes emotivos da emissão da palavra [...] o verbal e o não verbal [...] [...] uma forma particular de interação: orador e auditório. (FERREIRA, 2010, p. 138)

Mas, quando se trata da *actio* no discurso escrito, como esta deve ser vista e trabalhada? No caso das entrevistas textualizadas, nas quais não existe uma expressão corporal do orador, nem tampouco a sua presença diante do auditório, esse discurso não deve ser considerado persuasivo?

Como na análise deste trabalho fez-se necessária a retextualização das entrevistas, ou seja, “passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados” (MARCUSCHI, 2001, p.49), possibilitando a criação de um objeto de estudo; devemos considerar que existem características na expressão de um discurso escrito que podem ser interpretadas como probabilidades de *actio*. Se no discurso oral a *actio* está relacionada à apresentação desse discurso, que deve ser em voz clara, audível, em uma apresentação visual adequada do orador, na gestualidade persuasiva; no texto escrito ela pode ser:

[...] de difícil observação, embora se possa pensar em diferentes meios para analisá-la, mesmo nos textos escritos (a letra? o tamanho da fonte nos textos impressos? as cores utilizadas nos textos sincréticos? a disposição do texto na folha?). A parte descritivo-narrativa da *dispositio*, também levam a *actio*” (MARIANO, 2007, p.114)

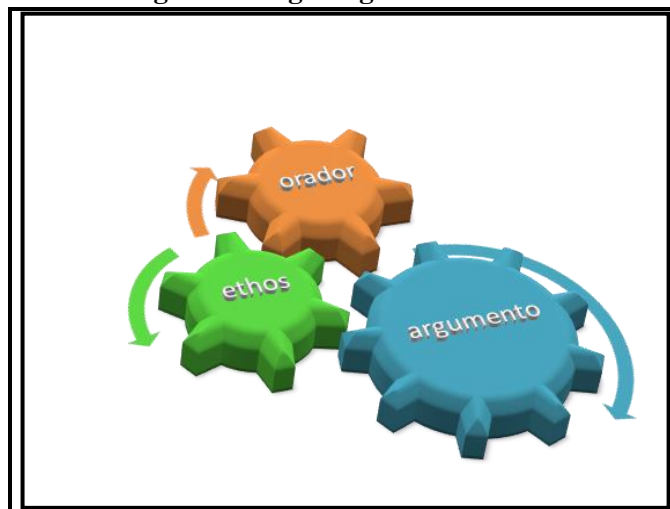
Tendo na ação a última das intervenções do processo retórico e nela a assertiva da interação entre o orador e o auditório, voltamos a Perelman e Tyteca (2005, p. 21) para a conclusão desse subtítulo, quando afirmam que “normalmente é preciso alguma qualidade para tomar a palavra e ser ouvido”, e que essa qualidade que se supõe existir, pode ser “desenvolvida por um orador que se dirige verbalmente a um determinado auditório” pelo contato entre eles através dos acordos deliberados durante a situação de discurso.

2.3 O orador e a consolidação do *ethos* discursivo – o lugar do argumento

Um grande orador é aquele que usa a heterogeneidade do seu auditório e diversifica seus argumentos diante desse conhecimento com vistas ao sucesso na preleção (Perelman; Tyteca, 2005, p. 24). Neste cerne compreenderemos a argumentação tal qual os estudiosos em questão a assentam no discurso, essencialmente como “comunicação, diálogo, discussão”.

Para que ela seja eficaz, como já foi visto, é preciso que se estabeleça no contato entre orador e auditório ativando, assim, mecanismos de ação dos agentes discursivos com vistas ao convencimento, à persuasão. “O objetivo da argumentação é [...] obter a adesão do auditório graças às variações na expressão do pensamento” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 185), é gerar efeitos de sentido a partir de modos particulares ou em massa, quer seja nos discursos publicitários, políticos, pedagógicos ou nas mais variadas formas em que existe. Conquanto, “a forma em que são apresentados os dados não se destina somente a produzir efeitos argumentativos relativos ao objeto do discurso [...]” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p.185); subsistem aí dados “cognitivos abstratos (conceituais) e dados perceptivos - sensório-motores, afetivos e intrassubjetivos” (AUCHLIN, 2008, p.11) conciliados paralelamente, de forma a construir o nicho em que se assenta o *ethos*.

Figura 1 - engrenagens do discurso



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=engrenagens+do+discurso>

A ação que um exerce sobre o outro é de impulso e movimentação do discurso; na argumentação as escolhas linguísticas e extralinguísticas funcionarão como a engrenagem desse sistema, a falha ou mau funcionamento de uma dessas engrenagens pode ocasionar o insucesso do empreendimento.

Reboul (2004) nos mostra que desde a própria racionalidade humana, até o pragmatismo experimental, há a necessidade de se fazer uso de várias ferramentas possíveis para a obtenção da persuasão e que, se temos a retórica como fenômeno essencial para o desenvolvimento de ideias e para a proliferação de conhecimentos, utilizando da boa

argumentação como uma forma de progresso, faz-se também uso dos seus caminhos como forma de valorizar os conhecimentos obtidos e buscar a credibilidade necessária para o avanço do saber. Além disso, diante dos ideais de Olivier Reboul, poder-se-á perceber as principais características da argumentação e a sua aplicabilidade, fugindo assim das armadilhas da mera falácia e do sofismo e de entraves no progresso científico, muitas vezes existentes. Para esse estudioso o argumento é um fim em si mesmo, mas que só pode ser entendido através da demonstração, dadas a argumentação e a demonstração encerrarem em si, uma totalidade.

Destarte, inferimos que é a valorização das habilidades do aluno como orador, nesse processo de demonstração do argumento e de busca pelo conhecimento, que pode consolidar seu *ethos* discursivo.

Diante dos textos base para o referido trabalho, existe um consenso em se determinar que não exista uma forma desimportante de buscar conhecimentos. Toda e qualquer possibilidade de fortalecimento da argumentação tende a fazer bem ao desenvolvimento da comunicação e consequentemente ao processo de conhecimento em si. Mas, um aspecto decisivo é o de se perceber a relevância da argumentação e da retórica argumentativa para a relação, muitas vezes dura, entre comunicador e público, uma vez que existem múltiplas perspectivas e consequentemente, múltiplas interpretações. Diante desse panorama, o primeiro aspecto abordado é o fato de que, longe de relegar a segundo plano o conhecimento oriundo apenas da escrita, o processo de comunicação legitimado pela oratória parece mais fecundo para as finalidades que a ciência se propõe a ter. Nessa perspectiva, um dos mais importantes personagens da história da filosofia e do próprio conhecimento (mesmo que historicamente não se possa provar a sua existência) foi o “Pai da Filosofia”, o grego Sócrates, que, ao ser citado nas obras de Platão, sempre baseava o desenvolvimento das suas ideias em uma filosofia do discurso, do diálogo, Pessanha (1980, p. 275-276) cita na íntegra essa parte da obra “Fedro”, escrita por Platão:

O maior inconveniente da escrita parece-se, caro Fedro, se bem julgo, com a Pintura. As figuras pintadas têm atitudes de seres vivos, mas se alguém as interrogar, manter-se-ão silenciosas, o mesmo acontecendo com os discursos: falem das coisas como se estas estivessem vivas, mas, se alguém os interroga, no intuito de obter um esclarecimento, limitam-se a repetir sempre a mesma coisa.

O ideal Socrático acabou sendo basilar para toda uma tendência de conhecimento, onde se dará uma importância cabal, a capacidade do indivíduo de estruturar seus argumentos a

partir da necessidade de convencer o outro de que suas ideias são as mais coerentes. Daí a relevância do processo dialógico e retórico para conhecê-lo. Mas, diante dessa perspectiva, qual seriam as características mais marcantes desse tipo de tendência científica?

Uma vez abordada a ideia da importância da argumentação, Reboul irá se inspirar em Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca para estabelecer esses cinco aspectos essenciais para a argumentação, sendo eles: dirigir-se a alguém, expressar-se em língua natural, expressar a verdade, evoluir de acordo com quem argumenta e sempre proporcionar uma argumentação contrária.

Diante do processo argumentativo se faz essencial que haja uma evolução na capacidade de expor as ideias e de fazer essas ideias aceitáveis na cientificidade. Assim sendo, a primeira característica importante é o fato de que a argumentação só se prolifera com o diálogo, com o debate entre as partes envolvidas, uma vez que a argumentação escrita, mesmo com sua força conceitual acaba sendo mais fechada, mais sisuda, por assim dizer. Ter a retórica como aliada tende a proporcionar uma possibilidade maior de debate, o que é um dos pontos-chaves para o processo científico.

Para além disso, a linguagem é um aspecto sobremaneira pertinente no processo de comunicação e conhecimento. O uso de uma linguagem mal organizada e carente de força argumentativa pode levar ao descrédito do indivíduo que se comunica o que prejudica o desenvolvimento da ideia de convencimento que a retórica se propõe a ter. Usar a linguagem mais cabível a cada situação é um sinal de sabedoria retórica. Esta afirmação, nos leva a uma reflexão a respeito da importância da atuação do professor, em propiciar variadas situações de uso e de análise da manifestação da linguagem.

Ser coerente também é algo essencial para o bom desenvolvimento da comunicação e da ação argumentativa. E nesse caso, a ideia de verdade ganha um contorno mais técnico e menos comum. O verdadeiro dentro do processo científico é o confiável, aquilo em que se pode fiar em busca do conhecer, mas nunca pode se configurar em verdade absoluta, uma vez que, se a informação se fecha e não abre a possibilidade de novas perspectivas, essa será a própria morte do conhecimento e da argumentação. Um argumento forte deve ser refutado, mesmo que essa refutação sirva, posteriormente, para fortalecer ainda mais a argumentação e o desenvolvimento das ideias. O processo científico e racional sempre buscará verdades momentâneas e transitórias, para não cair no dogmatismo do mito e da fé.

Sendo transitória, a argumentação não segue uma tendência linear, ela é adaptável e tende a evoluir de forma a servir de bom grado a quem pretende usá-la. Ou seja, o indivíduo que expressa a ideia vai encaixar a melhor forma de argumentar nos seus desígnios como também baseado em seu público e na forma como esse público tende a reagir aos argumentos utilizados. Dessa forma, não cabe a ideia de um sistema fechado, uma vez que, nem sempre o que se pensa na teoria argumentativa, vai funcionar. “A ordem dos argumentos é, pois, relativamente livre, e depende do orador; (...) (REBOUL, 2004, p.97)”. Assim, a evolução do argumento varia seja em quem fala, seja em quem recepciona a mensagem.

Diante das quatro primeiras características, a última é quase uma consequência: a argumentação é uma forma de conhecimento, não um encerramento do conhecer. Assim sendo, a abertura do argumento está justamente na sua capacidade de ser vista de várias formas, quase como um processo de acusação e defesa da ideia. A “última palavra” sobre qualquer questão tende a prejudicar o conhecimento dessa questão, o que acabaria com o próprio processo científico e invalidaria, inclusive, a própria argumentação.

À escola cabe, diante desse contexto, colaborar com o aluno no desenvolvimento de suas potencialidades discursivas levando-o a perceber os lugares do argumento nesse processo de construção do *ethos* discursivo através de atividades, estratégias e abordagens nas quais o discente possa vincular sua ação discursiva à representação que ele tem diante do mundo que constitui sua cultura.

CAPÍTULO III - DOS GÊNEROS TEXTUAIS, A ENTREVISTA

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...)
(Bakhtin, 1997)

Percorremos até agora um caminho que nos mostra a relação entre o ser discursivo, o discurso e o seu fim no âmbito de suas representações de fins analíticos e retóricos. Diante deste percurso, cabe acrescentar agora neste capítulo considerações sobre o instrumento que, ao nosso parecer, contribui de forma significativa na construção desse ser discursivo. Para tanto, recorreremos aos gêneros textuais, mais especificamente o gênero textual entrevista, que por si só possui em seu cerne a necessidade de uma postura autônoma e discursiva do locutor. Buscamos nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) as referências basilares de estrutura curricular, objetivos e de conteúdos de Língua Portuguesa no tocante às produções textuais sugeridas para o segundo ciclo do Ensino Fundamental, posto que nosso trabalho foi desenvolvido com jovens dessa etapa e em Renè Marc (2008), sobre a função cultural da escola. Respeitamos considerações feitas por Santos e Cruz (2012), apoiados por Koch e Elias (2010), Marcuschi (2008) e Bakhtin (2003) nas definições de gênero textual como uma prática social na qual cabem dois interlocutores numa interação verbal, como também sobre a maleabilidade dos textos e da riqueza e variedade infinita dos gêneros discursivos. Finalizando, agregamos a visão crítica de Marcuschi (1997) quando da postura da escola frente ao aprendizado dos gêneros quer orais, quer escritos e nos debruçamos mais especificamente sobre a conceituação do gênero entrevista em Baltar (2004) e Caputo (2006), seguidos da descrição do processo de criação do elo deste gênero como ferramenta de ensino e aprendizagem com a valorização da imagem do orador, este – representado no aluno – na construção do seu *ethos* discursivo.

3.1 O gênero entrevista e sua função como instrumento de ensino e aprendizagem

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's - encontramos sugestões de práticas educativas que objetivam, entre outras metas (PCN, 1997, p. 79-80):

Figura 2 excerto/PCN's

- compreender o sentido nas mensagens orais e escritas de que é destinatário direto ou indireto, desenvolvendo sensibilidade para reconhecer a intencionalidade implícita e conteúdos discriminatórios ou persuasivos, especialmente nas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação;
- ler autonomamente diferentes textos dos gêneros previstos para o ciclo, sabendo identificar aqueles que respondem às suas necessidades imediatas e selecionar estratégias adequadas para abordá-los;

Fonte: BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília, DF, 1997. p. 79.

Figura 3 - excerto/PCN's

- utilizar a linguagem oral com eficácia, começando a adequá-la a intenções e situações comunicativas que requeiram o domínio de registros formais, o planejamento prévio do discurso, a coerência na defesa de pontos de vista e na apresentação de argumentos e o uso de procedimentos de negociação de acordos necessários ou possíveis;

Fonte: BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília, DF, 1997. p. 80.

Essas bases curriculares sugerem o trato com a Língua no ensino da disciplina em situações que devem ser concretas e que possibilitem, além de um aprendizado do léxico, um aprendizado da expressão oral e a busca de ferramentas com as quais os alunos se identifiquem e reconheçam nos recursos dialógicos o uso da argumentação e da persuasão na construção dos “processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos” (GUIMARÃES, 2009, p.103).

Para tanto, elegemos o gênero entrevista como instrumento de trabalho nesta pesquisa por entender que a estratégia atende aos PCN's quando da compreensão, identificação, desenvolvimento e uso eficaz da linguagem, contemplando a postura defensiva de pontos de vista e argumentação; elementos estes, considerados possibilitadores da construção do *ethos* discursivo. No entanto, antes de entrarmos nas discussões a respeito das especificidades desse gênero, faremos um resumo de alguns aspectos teóricos associados ao tema gêneros textuais.

Marcuschi (2002) nos fala da infinidade dos gêneros textuais partindo justamente da limitação do seu surgimento, quando dos povos de cultura essencialmente oral, e registra que

Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A. c., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase da denominada *cultura eletrônica*, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a *internet*, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Essa contextualização histórica até os dias atuais referenda o que o mesmo autor e outros como Bakhtin (2012), Koch e Elias (2010), registram como características dos gêneros textuais, aqui retomadas de Santos e Cruz (2012):

1. **que os gêneros textuais são interacionais:** pois só existem num contexto de interação, posto que o objetivo seja o contato com o outro, eles “não são fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas”, Marcuschi (2007, p.35)

2. **que são entidades sócio-históricas:** posto que sem a compreensão do contexto histórico, social, político, econômico e cultural em que o gênero se institui não há como concebê-lo;

3. **que os gêneros textuais são situacionais:** Marcuschi (2007, p. 34) explica que “os gêneros são geralmente determinados com base nos objetivos dos falantes e não na natureza do tópico tratado, sendo assim uma questão de uso e não de forma”. E Santos e Cruz (2012) esclarecem mais ainda quando reforçam que é a função para a qual o gênero foi criado que facilita seu entendimento, muito mais do que seus elementos de composição. É o evento para o qual se destina o gênero que determinará a finalidade do mesmo, se estou numa situação de entrevista de emprego, não apresento nesse contexto uma biografia e sim um texto cujo gênero lhe seja específico;

4. **que os gêneros são maleáveis:** apesar de “relativamente estáveis”, conforme Bakhtin (2003) e “fluido”, “essencialmente flexível e variável (...) como a linguagem”, de acordo com Marcuschi (2008), Santos e Cruz (2012) atentam para a observação dessa relação sugerindo

que se respeite os limites nas construções dos gêneros por eles dependerem intrinsecamente do fator interação.

Portanto, se cada indivíduo operasse reformulações nos gêneros indistintamente, a comunicação seria inviável. Esse conhecimento que permeia os participantes do jogo enunciativo, referente a diversos gêneros, é chamado por Koch (2009, p. 160) de “competência metagenérica”: [...] nas variadas situações de interação verbal, a competência sociocomunicativa dos interlocutores permite-lhes discernir o que é adequado ou inadequado no interior das práticas sociais em que se acham engajados (SANTOS e CRUZ, 2012, p. 1105).

5. que os gêneros são híbridos: pois sua flexibilidade possibilita uma movimentação de sua estrutura de forma a gerar a “hibridização de gêneros na formação de outro, com nova função”, (SANTOS E CRUZ, 2012). Em função do seu caráter comunicativo um gênero assume a forma de outro assim como esse outro pode reconhecer outra forma de se caracterizar dentro do processo de interação, formando assim outros gêneros.

Tendo nos gêneros essa diversidade de caracterização e de relação inseparável com a linguagem, partimos para nossas observações enquanto docente no contexto de sala de aula e percebemos a presença de uma apatia discursiva e consequente desinteresse dos alunos quando da incitação dos mesmos para se travar um debate ou se construir um texto escrito/oral a respeito de questões que permeiam sua realidade, a exemplo da violência entre os jovens, a preparação para um curso superior, a síntese de um determinado filme, entre tantos outros. Como então suscitar nesse jovem o interesse pela criação de textos e, mais ainda pela identificação, reconhecimento do uso adequado destes como gêneros discursivos necessários nas mais diversas situações do seu cotidiano?

É neste momento que entra o gênero entrevista como estratégia de ensino e aprendizagem. Por se tratar inicialmente de um gênero oral e ser este natural ao ser humano, assim como as situações de uso subtendido deste gênero estão presentes nos mais variados contextos - desde o momento em que inicio um diálogo com alguém e questiono sobre si, seus interesses e proposições futuras, ou quando falo dos meus sentimentos ou opino sobre qualquer assunto, ouço e anoto mentalmente suas respostas e/ou as minhas - que me coloco numa situação de entrevistador, assim o faço com o outro, conferindo-lhe a condição de entrevistado na situação.

Para tanto, cabendo ao professor a tarefa de, ao escolher seus métodos de trabalho, o fazer dando prioridade aos que estimulem a criatividade, aos que despertem um comportamento investigativo e favoreçam o desenvolvimento de competências da linguagem, é que corroboramos com René Marc (2008, p.18) quando diz que “é papel fundamental da escola e dos educadores em geral estimular permanentemente a curiosidade pelas culturas e identidades tradicionais, divulgando-as para que sejam conhecidas e reconhecidas”, ainda sobre isso, ele considera que a “linguagem da contemporaneidade é a linguagem da informação, mais especificamente uma linguagem sem as marcas de quem fala sobre quem ouve e, portanto, sem as marcas daquele que ouve no que fala”.

Foram essas afirmativas que nos levaram a associar o uso do gênero entrevista como aporte no estudo da construção do *ethos* discursivo do aluno, pautadas também em um dos princípios mínimos considerados por Maingueneau (2011, p. 17), na concepção do *ethos* de que este “é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro”. Doravante, no subtítulo que segue, partimos para as considerações a respeito da assertiva acima enunciada.

3.2 O gênero textual entrevista na construção do *ethos* discursivo

Apesar dos esforços dos linguistas e profissionais da área, os gêneros do discurso que tratam da oralidade ainda não possuem um trato adequado à sua importância no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa. Frequentemente seu uso está atrelado ao processo de reescrita ou de retextualização buscando “corrigir” os “desvios” da norma culta. Muitos outros aspectos relevantes à formação do aluno como produtor de textos dos mais variados gêneros, entre eles a sua postura como ser de discurso, a sua autonomia numa situação de enunciação, o desenvolvimento do seu *ethos* protagonista/construtor do próprio conhecimento que o identifica como cidadão do mundo, se torna menores diante da “necessidade” de se ensinar o Português padrão.

Neste sentido, Marcuschi (1997, p. 39) relata que:

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma contradição, mas de uma **postura**. [...] Uma das razões centrais do descaso pela língua falada continua sendo a crença generalizada de que a

escola é o lugar do aprendizado da **escrita**. Uma **crença** tão fortemente arraigada que já se transformou numa espécie de consenso: *a escola está aí para ensinar a escrita e não a fala*³. [...] O homem é tipicamente um ser que fala e não um ser que escreve.

Desta feita, na escola, ao se tratar da oralidade, as atividades e conteúdos são direcionadas ao estudo dos níveis de variação da língua na fala. Mais uma vez, o ensino é voltado para o campo da Língua Portuguesa apenas como instrumento de comunicação escrita, enquanto que, para efeitos da sua função como instrumento de interação social, precisa-se de mais do que o código escrito, precisa-se de atitudes, posturas, apresentação do indivíduo perante seu auditório, observar de que modo a linguagem é utilizada, que outros elementos extralinguísticos de criação do discurso estão presentes. A imagem do aluno como orador não é percebida como elemento de formação do seu *ethos* no empreendimento discursivo. É nesta assertiva que calcamos o gênero entrevista como instrumento facilitador dessa construção.

Para Baltar (2004, p. 135) o gênero entrevista é um “gênero jornalístico que se caracteriza por sua estruturação dialogal, com perguntas e respostas, precedidas por um texto explicativo de abertura. O discurso predominante é interativo, com sequências dialogais e expositivas”. Essa interação se mostra no corpus analisado neste trabalho por se tratar de entrevistas gravadas em vídeo, nas quais o diálogo se estabelece ora entre duas pessoas, ora entre três ou mais.

Saindo do âmbito do texto, Caputo (2006, p. 28) nos diz que a entrevista, “é mais do que uma técnica para obter respostas através de um questionário [...], é uma aproximação do jornalista em uma dada realidade, a partir de determinado assunto e do próprio olhar, através de perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos” como também não é apenas uma ferramenta de jornalismo, é um instrumento de pesquisa que requer comunicação entre as pessoas, que pressupõe o diálogo como instância primeira, sendo este uma das estratégias de entrevista, quer entre o entrevistado e o entrevistador, quer entre ele e o tema, ou assunto do qual ele vai tratar. Essas ações requerem do entrevistador uma tomada de postura enunciativa, autônoma e precede o conhecimento prévio sobre o assunto. O que nos dá o campo de trabalho a partir do qual os alunos iniciarão a construção do seu *ethos* discursivo, a pesquisa sobre o tema que irão tratar no momento de entrevista.

Ao percebemos que, em grande parte, o comportamento dos alunos é de insegurança e de recusa, mesmo que o tema proposto seja de seu interesse, precisamos considerar que os mesmos se acostumaram com aulas que não ultrapassam a exposição didática do conteúdo e necessitam despertar em si a identificação com a metodologia. É nessa hora que o professor, ao se valer de um bom planejamento e de estudos acerca do tema, fará a diferença.

Mostrar ao aluno que a escola valoriza a sua imagem enquanto orador e se sente, enquanto instituição, representada no seu sucesso, é importante; pois, espera-se que, ao despertar esse sentimento de valoração do eu discursivo e autônomo, dá-se um passo para, a partir daí, alcançar um dos objetivos da escola na formação de um ser integral com atitude científica diante de um determinado problema exposto.

Sendo assim, o corpus analítico deste TCF, valeu-se de uma metodologia que será descrita no capítulo seguinte - o estudo do gênero entrevista, a entrevista e a gravação da mesma, edição e posterior exibição - que foi aceita com certo entusiasmo pelos alunos pelo fato de acontecer fora dos muros da escola, por propiciar o contato com outras pessoas além daquelas com quem ele já convive no ambiente educacional, social e familiar, e que servirá como elo entre o *ethos* discursivo dos alunos e o *ethos* coletivo local.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA

A Educação qualquer que seja ela é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática.
(Paulo Freire, 2002)

Neste capítulo faremos a apresentação do *corpus* e da metodologia escolhida, considerando a importância dessas anotações para esclarecer quais foram os procedimentos teórico-metodológicos adotados para fins de análise, uma vez que a mesma é de ordem qualitativa. Pressupõe-se, portanto, a elucidação dos dados que permitiram a construção das hipóteses de pesquisa para posterior análise do *corpus*. Não se pretende obstante, encerrar o campo de discussão acerca desse estudo, mas sim, delimitar o objeto de análise desse trabalho, dada a abrangência do tema e às intempéries que, por vezes, limitam a realização de uma pesquisa mais detalhada. Dessa forma, preocupamo-nos em esclarecer, quais procedimentos nos ajudaram a analisar a imagem do orador no discurso, numa situação de entrevista oral, relacionando a valorização dessa imagem com a construção do *ethos* discursivo e apontando o trabalho com o gênero entrevista, como estratégia de ensino e aprendizagem com alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental.

4.1 Procedimentos teóricos – metodológicos e apresentação do *corpus*

Segundo Fiorese (2003, p. 27) “O método (metodologia) é o conjunto de processos pelos quais se torna possível desenvolver procedimentos que permitam alcançar um determinado objetivo”. Neste cerne, percebemos a metodologia como a busca de uma verdade através de procedimentos científicos que norteará o pesquisador até o alcance de suas metas. Para tanto, essa pesquisa utilizou o método de estudo de caso, que consiste

na investigação de casos isolados ou de pequenos grupos, com o propósito básico de entender fatos, fenômenos sociais. Trata-se de uma técnica utilizada em pesquisa de campo que se caracteriza por ser o estudo de uma *unidade*, ou seja, de um grupo social, uma família, uma instituição, uma situação específica, uma empresa, um programa, um processo, uma situação de crise, entre outros, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos, ou seja, no seu próprio contexto. (MICHEL, 2009, p.53).

Tracejamos um curso apoiados em subsídios de Maingueneau (2008, p. 24) que diz que “a própria condição dos fenômenos discursivos exclui qualquer projeto estreitamente empirista e acumulador de ‘dados’”, assim como é a semântica global de um discurso que o caracteriza (Maingueneau, 2008, p.81); tanto é que nesta dissertação apenas trechos de três das seis entrevistas serão analisados no âmbito do *ethos*, buscando no discurso dos entrevistados, discernir sobre o que caracteriza o *ethos* da cidade de Lagarto e colabora na construção do *ethos* discursivo dos alunos.

O objetivo inicial deste trabalho seria desenvolver uma oficina de experimentação audiovisual a qual oferecesse subsídios que estimulasse a produção de curtas-metragens documentais envolvendo aprendizados sobre a cultura do município de Lagarto (culinária, personalidades, manifestações culturais, história), e que essa atividade contribuiria na valorização da imagem do orador no aluno consolidando seu *ethos* discursivo. Entretanto, observamos que para se dirigir o olhar para esse processo de construção da imagem de si, era necessário que alguns questionamentos fossem respondidos: será que o aluno se identifica com o *ethos* cultural da cidade? o que torna Lagarto diferente das outras cidades? além do *ethos* positivo, qual seu *ethos* negativo? Como dialogar pedagogicamente com a projeção do *ethos* e como fazer o aluno sair do ciclo vicioso da sala de aula e analisar o que está acontecendo na sociedade?

Era preciso, então, retirar o aluno do nível de conscientização existente e passá-lo para o início do processo de estudo: o de reconhecimento e identificação com os elementos da cena enunciativa. Era preciso colocá-lo como analista diante da face do objeto. Assumir a condição de construtor do seu conhecimento exigiria do aluno, neste certame, além de uma argumentação eficaz, o conhecimento das características de persuasão em um discurso. Percebemos também a necessidade de, enquanto professor, se pensar em que momento devemos atuar estimulando no aluno a valoração do processo de enunciação e o reconhecimento de si com a identidade local.

A partir dessa constatação e entendendo que os processos metodológicos são construídos no decorrer da pesquisa, com o método de estudo de caso, análise e posterior descrição, aprofundamos os questionamentos apresentados anteriormente, com vistas a uma melhor orientação para a compreensão do corpus deste TCF, fazendo uso do gênero entrevista. Para tanto foram realizadas pelos alunos do 8º Ano, turma B, de 2014, do Colégio Estadual Sílvia

Romero, entrevistas filmadas, com representantes políticos, culturais, agentes esportivos e pesquisadores da história do município de Lagarto.

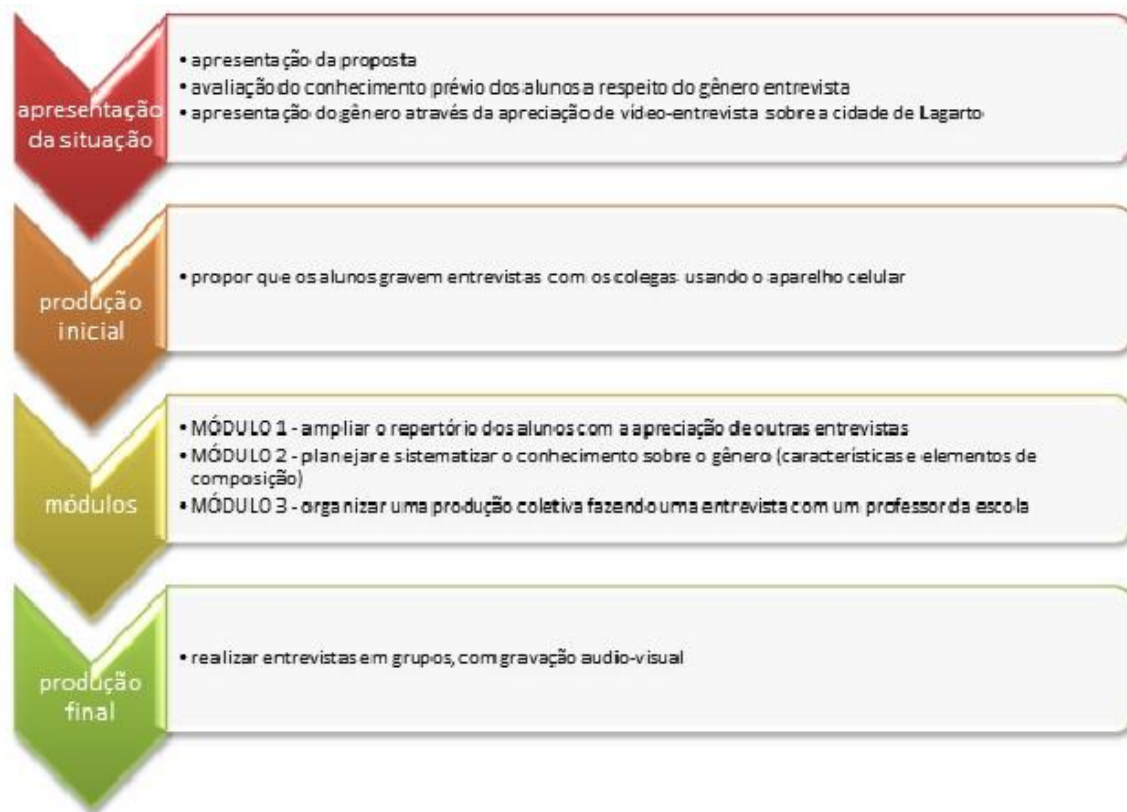
4.2 Delimitação da temática e planejamento das entrevistas

Ao longo das atividades consideramos alguns fatores que podem não colaborar com o resultado esperado; o fato de algum aluno não considerar o *ethos* coletivo local um argumento de construção de sua identidade oradora, as constantes paralisações e greves que as redes públicas enfrentam, enfim; como contorná-los, então, sem prejudicar o andamento do projeto? Foi preciso delimitar as etapas da proposta e deixar espaço para a inserção de elementos motivadores da aprendizagem, neste caso, além das tecnologias que estarão à disposição dos alunos para a gravação das entrevistas, o contato com o outro (os entrevistados) também serviu de motivação, pois alguns dos alunos já tinham ouvido falar em alguns, o que já pressupõe a criação de um *ethos* pré-discursivo. Um dos aspectos considerados mais motivadores foi o fato da coleta de dados não acontecer dentro da escola, e exigir a ida à casa ou local de trabalho dos entrevistados, assim como o fato de caminharmos pela cidade em busca de marcas de preservação do patrimônio cultural local.

Partimos da noção de sequência didática como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz, 2004, p.97) para movimentar, na sala de aula, a conceituação de gênero textual na direção dos usos e reflexões da língua pertinentes. Contemplamos, a partir daí, o foco da sequência no gênero entrevista por se caracterizar estruturalmente em perguntas e respostas e demandar do entrevistado e do entrevistador a escuta, leitura e produção oral e escrita.

A sequência didática seguida vai demonstrada no quadro abaixo que foi construído baseado nos princípios da SD, por Dolz, Noverrz e Schenewly (2004, p. 98):

Figura 4 - sequência didática



Fonte: baseada nos princípios da SD, por Dolz, Noverrz e Schenewly (2004, p.98)

Para uma melhor demonstração do processo descrevemos mais detalhadamente sua execução:

- **Apresentação da situação:** Interpelamos os alunos, primeiramente, quanto ao patrono da escola em que estudam e se eles sabiam quem era Sílvia Romero e qual a abrangência da sua representação no cenário mundial. Várias foram as respostas; de professor a escritor, percebemos que havia a presença de uma imagem pré-concebida, mas que não era reconhecida nem incorporada como parte da identidade estudantil ou cultural individual. Em seguida perguntamos sobre outras personalidades que compõem a cena política e cultural da cidade e percebemos neste instante o “frisson” que o questionamento causou, dada a dissensão política historicamente instituída na cidade e elucidada no capítulo 5 deste trabalho. Sugerimos então, a realização de entrevistas com representantes da cidade que são responsáveis pela construção da sua imagem no âmbito político, cultural, histórico

e esportivo. Em seguida, apreciamos um vídeo, acessado através da internet, no Laboratório de Informática Educativa da escola, que foi seguido de um debate sobre os depoimentos vistos e do por que realizar a tarefa de produção inicial.

- **Produção inicial:** propomos aos alunos que, usando o celular, gravassem uma entrevista com um colega. A princípio, não apresentamos nenhuma proposta de sequência aos alunos. Alguns começaram pedindo que o colega falasse sobre si de forma espontânea, enquanto que outros já relacionavam perguntas e acordavam entre si o que seria dito, no entanto, quase todos se preocuparam com a aparência diante da câmera. Feito isso, procedemos à escuta e análise dos vídeos e posterior discussão a respeito da relevância da atividade e de como cada um se sentiu diante do seu discurso, o porquê das respostas rápidas, da dificuldade de se expressar mais a respeito de si. Em aula seguinte, compartilhamos material impresso com a descrição dos procedimentos a serem respeitados na realização de uma entrevista e quais são suas características enquanto gênero textual oral.
- **Módulos didáticos:** em aulas posteriores, partimos para a apreciação de outras entrevistas utilizando a internet, no LIE da escola. Foram sugeridas as seguintes atividades:
 - 1- acesso a entrevistas de programas como o “Programa do Jô”, do Jô Soares, “Cara a cara”, da Marília Gabriela e “Provocações”, do Antônio Abujamra, e posterior anotação das características do gênero encontradas nas entrevistas, bem como da forma particular de entrevistar dos apresentadores.
 - 2- delimitação dos temas e escolha dos entrevistados, pesquisa sobre o entrevistado e elaboração das perguntas de acordo com as informações pré-coletadas, contextualizando os questionamentos ao estudo da imagem que se quer passar numa situação discursiva; planejamento das entrevistas com base no repertório estudado, anotação da relação dos materiais necessários e divisão dos grupos, montagem de cronograma e roteiro de entrevista considerando o local em que a entrevista será realizada.
 - 3- realização de uma entrevista-piloto, com um professor da escola, como experiência, análise do vídeo e discussão em sala de aula sobre o que deu certo e o que precisa melhorar para a realização das demais entrevistas.

- **Produção final:** realização de seis entrevistas com os seguintes segmentos, política, cultura, esporte e pesquisa histórica. Nesta última fase, pedimos que os alunos considerassem a importância de se reconhecerem como sujeitos de discurso e identificassem o quê os tornavam autônomos diante da situação de entrevista, quais eram suas qualidades enquanto orador, posto que eles tivessem se preparado para o evento, através de pesquisa e estudo do objeto. Bem como percebessem quais seriam os complicadores existentes para a realização da tarefa. Nesta última fase, partimos para a edição das entrevistas e produção de um vídeo aula que foi feito por um profissional editor de vídeo, inserindo inicialmente uma apresentação do gênero utilizado, com a participação dos alunos, e mostrando cada passo de organização das entrevistas, bem como trechos das mesmas gravadas pelos alunos.

Esse vídeo aula, de dez minutos, é o produto pedagógico que acompanhará o TCF. Para fins de análise neste trabalho, bem como de avaliação da atividade pelos alunos foi preciso fazer a transcrição das entrevistas que serviram de base para a produção do vídeo. A transcrição priorizou os aspectos verbais porque buscamos apenas uma representação escrita da fala seguindo as convenções da escrita. Reconhecemos nesse processo a importância dos aspectos suprasegmentais como pausa, prolongação, altura, ritmo, mas, como a intenção deste trabalho é observar os argumentos utilizados pelos entrevistados e a construção do *ethos* discursivo, tais aspectos não são aqui relevantes. Assim, fez-se uma transcrição que marca as pausas da fala pelos sinais de pontuação convencionais da escrita, mas que tenta preservar as características do falar dos sujeitos, tanto que a transcrição preserva a falta de concordância verbal ou nominal, por exemplo, dentre outras formas comuns na oralidade. As entrevistas foram transcritas pelos grupos responsáveis por cada uma delas, menos uma, que coube ao professor, e serviu como modelo para as demais. Para analisarmos em sala quais argumentos se incorporavam à criação dos diferentes *ethe*, transcrevemos as entrevistas na íntegra, mas apenas as partes nas quais percebemos a presença dos argumentos que referendam o *ethos* discursivo fora utilizada para fins de análise e para composição do vídeo. Não utilizamos em sala o termo *ethos*, nos referíamos sempre a qual “imagem” o orador impunha um maior censo de verdade, honestidade, prudência e em que passagens das entrevistas os alunos perceberam a manifestação deste *ethos* no discurso dos entrevistados e deles enquanto entrevistadores.

Observamos no decorrer da gravação das entrevistas que cada grupo de alunos comportou-se de forma diferente diante de cada entrevistado/auditório. E que para alguns, a dificuldade em sair das perguntas escritas no roteiro e deixar fluir uma entrevista com marcas pessoais enquanto entrevistador/orador não ocorreu, ficando a entrevista apenas no âmbito da sua estrutura micro de perguntas e respostas, sem a tão esperada consolidação do *ethos* discursivo. No entanto, se avaliarmos esta situação à luz do que Bakhtin preconiza:

Quando escolhemos um dado tipo de proposição, não escolhemos somente uma proposição dada, em função do que queremos exprimir com a ajuda desta proposição; não selecionamos um tipo de proposição em função do todo do enunciado finito que se apresenta à nossa imaginação verbal e que determina nossa opinião. A idéia que temos da forma de nosso enunciado, quer dizer, de um *gênero* preciso *da fala*, nos guia em nosso processo discursivo. (BAKHTIN, 1984, p. 288)

Podemos então perceber que diante da cada etapa da atividade, esta última, mesmo se valendo apenas das perguntas já definidas, possui em seu cerne o campo de existência do *ethos* que é o discurso, a ideia já pré-concebida sobre o enunciado formulado, no instante de sua discussão e elaboração em sala de aula, no grupo com os colegas, sob a orientação do professor, já conferiu ao aluno a segurança que este precisava na situação enunciativa, referendando-o como entrevistador/orador no evento e valorizando a sua imagem.

Percebemos que em algumas situações, mais especificamente na entrevista com o representante político, os alunos não se sentiram à vontade ou preparados para construir um *ethos* individual, e acabaram optando por ficar com o *ethos* social de entrevistador, sem um estilo próprio, mas tentando mostrar um *ethos* característico de quem tem a função social de entrevistar, apenas. Em outras situações eles demonstraram conseguir a construção desse estilo/*ethos* individual, a exemplo da entrevista com o professor e poeta da cidade, Assuero Cardoso, com o professor e ex-atleta Walmar Santos e com o professor e pesquisador da história de Lagarto José Uesele; mesmo com o papel em mãos, os alunos, no decorrer das entrevistas, riram e interagiram de forma mais leve com o entrevistado/auditório, pela aproximação que tinham com o *ethos* de professor que é pertinente à sua realidade. Nesta situação, os enunciados encontraram no roteiro apenas lugar de suporte e fluíram no decorrer da entrevista fazendo com que a discussão abrisse espaço para outros questionamentos que não faziam parte do roteiro pré-estabelecido. Veremos estas e outras situações, no quinto capítulo, quando da análise dos dados.

4.3 Aspectos gerais da pesquisa

A pesquisa em questão foi realizada no Colégio Estadual Sílvia Romero fundado em 1924, e até 1975 chamado de Grupo Escolar, em meados dos anos 50 passou para o prédio onde funciona atualmente na Av. Francisco Garcez, s/n. Seu ato de autorização de funcionamento aconteceu através da resolução nº 32/76, de agosto de 1976, pelo Conselho Estadual da Educação (CEE). Posteriormente passou a ser Escola de 1º Grau Sílvia Romero, pela Resolução nº. 37/77 do CEE, de 07.07.1977, funcionando de 1ª a 8ª séries. O decreto de transformação do Grupo Escolar em Escola de 1º Grau é de nº 3542/76 /CEE de 12/11/76. Mais tarde o CEE autoriza o funcionamento da pré-escola através da Resolução nº 181/ 93 / CEE, de 13/05/1993. No ano de 2002, com a supressão da Educação Infantil de seu quadro, passou a oferecer o Ensino Médio; sua autorização se deu pela Resolução n 101/2002/CEE, com isso sua denominação foi alterada para Colégio Estadual Sílvia Romero.

O prédio possui uma estrutura com 19 salas de aula e oferece os anos finais do Ensino Fundamental em 9 anos, Educação Especial com sala de recursos e o Ensino Médio Regular. Seu patrono é o gênio da nossa literatura, Sílvia Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, nascido na cidade de Lagarto-Sergipe, em 21 de abril de 1851; diplomado em Direito em 1873 e eleito deputado provincial pela cidade de Estância em 1875. Lecionou Filosofia no Colégio D. Pedro II, entre 1891 e 1910. Sílvia Romero foi um dos fundadores da Academia Nacional de Letras, em 1897, e participou da revisão do Código Civil como redator-geral. Em 1891, foi membro do Conselho de Instrução Superior escolhido por Benjamin Constant. Durante sua vida foi escritor, poeta, crítico literário, político, filósofo e historiador. Faleceu em 18 de junho de 1914. O que, em tese, confere um *ethos* positivo à instituição, diante da sociedade local.

Nesses oitenta e nove anos de existência da escola, muitos foram os educadores que colaboraram para a sua administração, trabalhando com discentes moradores de diferentes bairros (Matinha, Novo Horizonte, Oiteiro, Campo da Vila, entre outros bairros periféricos da cidade), assim como, um grande número de alunos advindos da zona rural. Vale esclarecer que estando situada no centro da cidade, não existe clientela própria em seu entorno, o que caracteriza uma considerável heterogeneidade cultural, social e econômica. No entanto, nesta última, prevalece um grande percentual de famílias de baixo poder aquisitivo. Destaca-se que muitos adolescentes e jovens do Ensino Fundamental têm seus pais distantes por diversos motivos, inclusive

cumprindo penas em penitenciárias, assim como há um considerável índice de gravidez na adolescência, casamento de adolescentes, o que os leva, por vezes, a desistir do estudo.

O Colégio Estadual Sílvia Romero funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, com a seguinte distribuição de turmas do Ensino Fundamental e Médio no ano de 2014 (ano em que foi realizada esta pesquisa e aplicação de sugestão de intervenção pedagógica):

- Etapas e Modalidades de Ensino que oferece**

ETAPAS	ENSINO FUNDAMENTAL									ENSINO MÉDIO			MODALIDADE	
													EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
ANOS	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	1º	2º	3º	EJAEF	EJAEM
TOTAL DE TURMAS	-	-	-	-	-	-	1	2	2	19	12	8	-	-

Quadro 1 - etapas e modalidades de ensino

Obs: *O ano não oferecido nas Etapas ou Modalidade será tracejado

- Matrícula Inicial 2014**

ANO	TURNOS	TOTAL DE ALUNOS
2014	MATUTINO	603
	VESPERTINO	604
	NOTURNO	457
TOTAL DE ALUNOS		1664

Quadro 2 - total de alunos por turno

4.3.1 O uso das TIC's no processo de ensino e aprendizagem: o lugar do audiovisual na escola

Posto que o corpus aqui analisado fora construído a partir da utilização de câmeras filmadoras (celulares e de definição HD) e do uso de computadores, além de outros recursos tecnológicos que hoje compõem a cena educativa, faremos algumas considerações a respeito do uso das TIC's no processo de ensino e aprendizagem. Os registros audiovisuais captados pelos alunos nas entrevistas com algumas personalidades políticas, culturais e esportivas do município

de Lagarto, não resumem em si nenhuma novidade enquanto estratégia de ensino, mas resultam de um diálogo até então pouco, ou não muito valorizado pela escola quando da atuação deste aluno como sujeito da construção do seu conhecimento: o de protagonista da cena enunciativa, o que, para nós, neste estudo, valoriza a sua imagem como orador e consolida a construção do seu *ethos* discursivo.

Os avanços no campo tecnológico ocorridos ao final do século XX e continuados dioturnamente no século XXI provocaram profundas modificações na política, na economia, na educação, nas diversas formas de trabalho, na forma como se lê e se interpreta o mundo. Mais precisamente na educação, novas concepções de escola, perfil do professor, currículo, cidadão em formação e, principalmente, quanto ao novo paradigma pedagógico, a partir do qual está sendo revisto o modo de ensinar e as novas formas de aprender, considerando a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação, surgem na mesma celeridade em que são criados novos aparelhos midiáticos.

A escola não pode ignorar essa realidade das Tecnologias de Informação e Comunicação, as TIC's e as TDIC's (entram também as digitais), que estão presentes em todos os ambientes. O celular, o data show, o computador, a internet, tablets, enfim, todo um arsenal tecnológico e midiático disputa espaço e reconhecimento com o bom e velho livro impresso e a xerox, tão utilizada pelos estudantes e professores. Muito mais atrativo o 'whatsapp' ao celular, ou 'twittar na rede cheia de 'emoticons' os quais a cada imagem exprimem todo um 'texto' que será lido facilmente pelo(s) meu(s) receptor(es), do que as letrinhas miudinhas do texto impresso preso pelo grampo enferrujado.

Diante desse comportamento comum aos adolescentes e jovens do mundo tecnológico e da atração que o novo traz, cabe aos educadores se familiarizarem com este universo, aproximar mais suas metodologias de trabalho e práticas pedagógicas da era digital e fazer uso das TIC's em sala de aula de forma a motivar a aprendizagem dos alunos, direcionando o foco para o enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem numa *abordagem que compreende as tecnologias como fenômenos de expansão cognitiva, como facilitadores e atualizadores* (BARRA, 2012, p. 97).

É fato que o uso do celular em sala de aula, pelos alunos, de forma não pedagógica, é comum; e que o professor, enquanto gestor da aula, por vezes se vê obrigado a interromper as atividades para chamar a atenção daqueles para o conteúdo exposto. No entanto, na era digital,

essa disputa é desleal e por vezes injusta, já que até os profissionais da educação se rendem aos encantos da tecnologia.

Pensamos no processo de ensino e aprendizagem subsidiado também por recursos tecnológicos que estimulem o interesse pelos diversos gêneros textuais e possam agregar maior prazer a atividade, Xavier (2013, p. 43-44) propõe essa reflexão quando diz que

[...] a escola enfrenta atualmente o desafio não mais de convencer seus atores a apostarem nos recursos digitais. A grande meta agora é prepará-los para alinhar sua estrutura física, seu modelo de gestão escolar e sobretudo a prática pedagógica de seu corpo docente às possibilidades diferenciadas de aprendizagem consignáveis a partir dos novos recursos digitais.

Ele fala da segunda fase da inserção das tecnologias na escola e de como elas são responsáveis por estimular a autoaprendizagem nos alunos. Ainda segundo Xavier quando o professor insere os recursos tecnológicos em sua prática pedagógica ele estimula a realização de várias outras atividades capazes de desenvolver uma série de processos cognitivos como o processamento e a coordenação de dados, a flexibilidade na tomada de decisões, a organização de conceitos e a síntese de conhecimentos, além do processo de indução. Características pertinentes na construção do *ethos* discursivo do aluno.

CAPÍTULO V - ANÁLISE DOS DADOS

Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por proposições isoladas e, menos ainda, bem entendido, por palavras isoladas). Os gêneros da fala organizam nossa fala do mesmo modo que organizam as formas gramaticais (sintáticas).
(BAKHTIN, 1984)

Neste capítulo final, segue um breve resumo a respeito da história da cidade de Lagarto, bem como um descritivo do fato que servirá de pano de fundo para a nossa análise do *ethos* local e auxiliará na co-relação entre a valorização da imagem do orador e consolidação do *ethos* discursivo. Em seguida passamos para a apresentação de trechos das entrevistas gravadas pelos alunos, bem como a análise referida, tomando o cuidado de colocar nos anexos as entrevistas na íntegra. Apesar de considerarmos os resultados limitados ao nosso desejo, enquanto profissional da educação, retifico esse sentimento com uma observação feita pela banca examinadora dessa renomada instituição, quando este TCF se configurava ainda como projeto de pesquisa: “percebemos que há uma vontade de mudança, mas é preciso separar o pesquisador, sujeito político, daqueles que apenas possuem a vontade”. Diante dessa ressalva e da responsabilidade do papel de sujeito pesquisador, a “limitação dos resultados” é apenas mais um dado a ser analisado e considerado nesse trabalho como instrumento de avaliação da prática-pedagógica em busca de uma relação mais eficiente entre a teoria e a prática.

5.1 Aspectos pertinentes à análise do corpus: A política do Saramandaia x Bole-Bole e suas consequências na construção do *ethos* político negativo da cidade de Lagarto

O surgimento do município de Lagarto e sua formação deu-se no povoado Santo Antônio, fundado nos idos de 1604 pelo sesmeiro Antônio Gonçalves de Santomé dentro do contexto emergente da necessidade de se conquistar Sergipe. Em 11 de dezembro de 1679 foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Piedade e a fundação da Vila do Lagarto, em 20 de outubro de 1697. Em 1728 acontece a realização da primeira eleição para a Câmara de Consciência dos Conselheiros de Lagarto com a incumbência de administrar a vila, o mais votado

era eleito presidente pelo povo (hoje, cargo correspondente ao de prefeito). Em 20 de abril de 1880, Lagarto passou à categoria de cidade.

Com a criação da República, o então presidente da Câmara Monsenhor João Batista de Carvalho Daltro tornou-se o primeiro governante da Cidade de Lagarto. Ele realizou reformas e construções públicas, com destaque para o acabamento das torres da Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Construção do Cemitério Senhor do Bomfim, do Hospital Nossa Senhora da Conceição, do Paço Municipal (Hoje Prefeitura Municipal de Lagarto), do Lazareto (nas terras do Pe. Pacheco), do Leprosário (no lugar denominado Matinha) e dos Barracões da Feira na antiga Praça de Nossa Senhora dos Aflitos e Enforcados de Lagarto (atual Filomeno Hora), - local na qual foi demolida uma força existente.

Ao longo de várias administrações, Lagarto foi amadurecendo sua maneira de fazer política de modo muito particular, intenso e de uma polaridade que causa a divisão da cidade em dois extremos muito distintos: os saramandaias e os bole-boles. Esse comportamento é considerado pelos estudiosos de sua história ainda como resquícios do coronelismo e de toda sua política mandonista e clientelista, com personificações vigorosas. Numa primeira cena, disputavam a atenção e confiança dos eleitores os pebas e os cabaús - conservadores e liberais - no cenário sergipano, representados respectivamente no Coronel José Cirilo de Cerqueira e nos Romeros; posteriormente, pelos Garcez e por Hipólito Emílio dos Santos. Em meados do século XX, década de 60, assume o Sr. Acrísio D'Ávila Garcez representando o Partido Social Democrático (PSD) e Dionísio Araújo Machado representando a União Democrática Nacional (UDN). Gestão considerada híbrida e também reconhecida como uma das melhores existentes até hoje.

Na década seguinte a disputa se reinventa, com o surgimento dos Bole-Boles e dos Saramandaias. Estas alcunhas partidárias surgidas em 1976 foram inspiradas na ferrenha disputa que existia na novela Saramandaia, da Rede Globo. A novela, que se passa na zona canavieira de Pernambuco, conta a história fictícia do município de Bole-Bole, que passa por um plebiscito para escolher um novo nome. O evento é encabeçado por duas facções: os tradicionalistas, liderados pelo coronel Zico Rosado, que usam argumentos históricos para manter o nome atual, Bole-Bole; e os mudancistas, liderados pelo coronel Tenório Tavares e pelo vereador João Gibão, que alegam ser vergonhoso o nome da cidade e querem mudá-lo para Saramandaia.

A alcunha inspirada no realismo fantástico da novela encontrou campo fértil na cidade de Lagarto, justamente por estar no período eleitoral, ao ponto da disputa causar mortes entre eleitores adversários, dividir famílias e tornar irmãos inimigos eternos. Um dos fatos chocantes deu-se pela prisão de uma ave de pequeno porte e outra de maior porte, a saber: um frango e um gavião, numa gaiola, na entrada da cidade, para que os que ali chegassem vissem o gavião depenando e matando o frango, tanto que, além da designação partidária, os líderes políticos neles representados ficaram conhecidos como “Gavião” e “Pinto-pelado”.

Sob as respectivas lideranças dos “caciques” políticos, Rozendo Ribeiro Filho (representante dos Ribeiros) e Arthur de Oliveira Reis (patriarca dos Reis); várias outras lideranças foram originadas a partir de seus familiares, como José Raimundo Ribeiro (Cabo Zé), irmão de Ribeirinho e Jerônimo Reis, filho de Artur de Oliveira Reis, respectivamente. Além dos aliados políticos que, enquanto frutos do enraizamento coronelista, sustentados pela prática do monopólio do poder nas mãos dos dois grupos e pela grande rivalidade eleitoral, tanto nas urnas quanto na chamada “política do desmanche”, corroboram com a construção do *ethos* negativo da cidade de Lagarto, caracterizando também a falta de continuísmo no tocante às políticas públicas.

Rica em cultura, abrigando uma das expressões folclóricas mais cotejadas no Brasil e reconhecida como única no país, o grupo “Parafusos”; detentora da realização da maior vaquejada do estado que atrai turistas e competidores de vários lugares do país e exterior; terra de intelectuais como Sílvio Romero, Laudelino Freire, Jonofon Sérates, entre tantos outros; de natureza exuberante e generosa representada no Vale das Cajazeiras, cachoeira do Saboeiro e tantos outros lugares que embelezam sua geografia; o município de Lagarto é mais reconhecido no cenário nacional, pela disputa política aqui existente.

Numa entrevista a emissora de televisão SBT, em 2010, o Sr. Rosendo Ribeiro, conhecido como “Ribeirinho”, ou “Pinto-Pelado”, do partido Bole-Bole, registra esse fato, como o maior erro provocado pelos líderes políticos na história do município: **“Fomos uns tolos... bobos... ‘nos somo uns bobo’... porque nós ‘não devia ter’ nos encrencado... ‘devia ter se’ unido mais pela grandeza do Lagarto [...]. Nós perdemos tempo”**.

Para fins de análise neste trabalho, foram realizadas pelos alunos entrevistas que contemplam a presença de representantes políticos, culturais, esportivos e que pesquisam a história da cidade, buscando saber, primordialmente, a respeito dos prejuízos e dos benefícios que esta forma de política impõe na imagem da cidade, diante de tanta dissensão.

5.2 Análise dos dados e apresentação da proposta de intervenção

Usaremos em princípio a entrevista gravada com um político da cidade, doravante designado como E1 (Entrevistado 1) e identificada como Entrevista 1, seguindo o mesmo critério para os demais entrevistados e posteriores entrevistas (E2, E3 e E4 / Entrevista 2, 3 e 4). Para os alunos, utilizaremos as siglas AE1 (Aluno entrevistador 1), AE2 (Aluno entrevistador 2) e assim por diante. Antes dos trechos de cada entrevista, achamos pertinente um breve parágrafo descrevendo a situação de discurso, identificando cada grupo e seu tema. A segunda entrevista escolhida para constituir este *corpus* também é a que o encerra, posto que a pretensão neste capítulo não seja incorrer numa “mera acumulação de dados”, como registrado no capítulo anterior, quando das escolhas do processo metodológico. Esperamos que essa mostra contemple a totalidade das discussões já estabelecidas e demonstre no processo ensino-aprendizagem a importância do trabalho com o gênero entrevista.

Entrevista 1: o grupo responsável por esta pesquisa escolheu esse tema pela curiosidade em conhecer o entrevistado e entender melhor a folclórica disputa Saramandaia X Bole-Bole, bem como conhecer a opinião do entrevistado a respeito dos prós e contras desse fato, e sua influência na imagem política da cidade. Os alunos foram recebidos pelo próprio entrevistado, na sala da diretoria de sua empresa. Após as devidas apresentações e posicionamento do material de gravação, iniciaram a entrevistas de caráter basicamente oral, que segue transcrita para fins de análise:

Trecho 1 – entrevista 1

AE 1 – Estamos aqui para entrevistar alguns políticos de Lagarto

AE 2 – E para mostrar a imagem política da nossa cidade

AE 1 – Vamos começar as perguntas, por gentileza nos diga o seu nome completo e qual foi ou é a sua atuação no cenário político lagartense.

E1 – meu nome é Jerônimo de Oliveira Reis eu fui deputado estadual, meu primeiro mandato, depois fui vice-prefeito de Lagarto, deputado Federal por três vezes e duas vezes prefeito de Lagarto, hoje estou afastado da política pública de mandato, mas exercendo a liderança política do nosso grupo político, que é o grupo Saramandaia, então estou na liderança do grupo, mas não exercendo mandato.

Trecho 2 – entrevista 1

AE 2 – O senhor sabe “qual” o fato político em Lagarto que se tornou histórico na cultura, que é a famosa disputa entre os saramandaia e “o” bole-bole, em sua opinião essa disputa é positiva ou negativa para a imagem de Lagarto, cenário político?

E1 – (...) aí se criou naquela ocasião que o nosso grupo seria o saramandaia e os adversários que estavam no governo, que eram nossos adversários, nós determinamos o nome de bole-bole, e aí se criou e hoje já é uma cultura, já faz parte da cultura de Lagarto, você pergunta se é positivo ou negativo, eu acho que é positivo, por quê? Porque, cada grupo político quer fazer mais, hoje o comando do município é saramandaia, tenta fazer mais do que bole-bole fez, pra que possa continuar no exercício do mandato, então acho que a briga saramandaia e bole-bole ela é salutar, claro que os membros respeitem a opinião de cada um, não é defeito você ser saramandaia, nem tão pouco bole-bole (...)

No trecho 1, de apresentação do E1, percebemos em primeira escala o aparecimento do *ethos político* referendado através do registro dos cargos públicos já ocupados por E1, garantindo expressamente a construção de uma imagem institucional de si, o que lhe confere autoridade enunciativa diante do auditório particular ali existente – jovens estudantes entre 14 e 16 anos de idade. No trecho 2, E1 adentra na construção do *ethos local*, afirmando que este é positivo, diante do fato questionado pelos alunos e apresenta argumentos de justificação dessa afirmação demonstrando a validade dos mesmos no trecho 3 (a seguir) ao deixar subentendido que a responsabilidade do suposto *ethos negativo* seria uma responsabilidade externa ao município, denotando a continuidade do processo de persuasão do seu auditório quanto ao *ethos positivo* da cidade.

Trecho 3 – entrevista 1

AE1: Hoje em dia falamos muito sobre a nossa identidade histórica ou identidade cultural ou identidade política, diante da sua experiência como representante da política em Lagarto, que identidade política o senhor acha que o nosso município possui atualmente?

E1 – (...) mas infelizmente os políticos que comandam o Estado deixam muito a desejar nos investimentos que o nosso município necessita, Lagarto hoje uma cidade universitária, uma cidade que tem... nos próximos 10 anos quase o dobro da população, é o que se espera e precisa que tenha investimentos muito maior, então eu acho que nós estamos num cenário político no nosso estado ainda carente de

empreendimentos para o nosso progresso, mas de qualquer forma hoje, a nossa cidade hoje está bem representada, nós elegemos, faz tempo que isso não ocorre, temos três deputados estaduais, temos um deputado federal e esperamos que esses três representantes do nosso município, aliás quatro representantes do nosso município possam buscar os empreendimentos e buscar o espaço no cenário político do nosso município.

É importante também observar, no mesmo trecho, que no enunciado proferido por AE1, percebe-se que este possui um embasamento a respeito do tema, quando modifica a pergunta original redigida em sala de aula, acrescentando a informação sobre a distinção de identidades, dispondo estas no início da pergunta e retomando-a para conclusão do questionamento. Essa ação denota o exercício de um desempenho cognitivo equivalente às premissas de construção de um *ethos*: principal meio de persuasão, segundo Aristóteles. Quando um aluno mostra que é capaz de construir um *ethos* individual ele pode ser mais persuasivo. Diante da condição de orador em que AE1 se encontra, percebemos que o *ethos* discursivo do aluno toma corpo e consolida-se dentro do processo em análise.

Outra instância similar se apresenta ao final da entrevista, quando depois de encerradas as perguntas, a AE2 profere uma sentença que dá início a uma situação de interação fora do contexto de entrevista. O que os deixa mais à vontade na emissão de opiniões sobre o tema tratado, reforçando a ideia deste trabalho, de que a valorização da imagem do aluno/orador no discurso é pressuposto para a consolidação do seu *ethos* discursivo e um importante passo para obter a persuasão.

Trecho 4 – entrevista 1

AE2 - Mas, o senhor nunca foi esquecido pela nossa cidade.

E1 - Graças a Deus (...) para você ter uma ideia o período que eu saí da prefeitura, elas estavam nascendo, então não conheceram meu trabalho (...)

AE3 – é porque eu escuto meu pai falando e minha mãe...tem que ser bole-bole, tem que ser saramandaia, e eu acho tudo isso uma bobagem.

E1 - quero agora agradecer a vocês, parabenizar pelo trabalho, aos professores, as pessoas que fazem o Sílvia Romero, e tenho certeza que esse é um trabalho muito importante, porque a juventude, esses adolescentes que estão amadurecendo para o mercado de trabalho, precisa conhecer os políticos da sua cidade (...) Parabéns, boa sorte pra vocês.

Entrevista 2: o grupo responsável por esta entrevista disse se identificar com as questões culturais e de preservação do patrimônio cultural local. No entanto, cremos que o fato de se necessitar visitar alguns lugares de cultura e memória da cidade, foram os motivos mais instigantes. Antes de prepararem as perguntas para o entrevistado, os alunos foram orientados a elaborar um roteiro de visita aos lugares que trazem essas marcas históricas, culturais e patrimoniais da cidade, como bibliotecas, prédios e casas com estruturas e fachadas antigas, igrejas e praças. Após a visita e registro, o grupo discutiu quais seriam as perguntas mais pertinentes para a entrevista, diante do fato de encontrarem raros sinais de preservação do patrimônio local, e por, em diálogos com algumas pessoas em outras situações fora da escola, ouvirem a descrição de situações de depredação do patrimônio por grupos políticos adversários. Tudo isso faz parte da *inventio*, já que munem os alunos de argumentos para a prática discursiva da entrevista. De posse desse arcabouço histórico-cultural, passou-se a entrevista propriamente dita, com o professor de História, José Uesele. Os alunos foram recebidos pelo próprio entrevistado em sua residência, vestindo uma camisa tipo uniforme, que o identificava como membro do Núcleo de Pesquisa e Historiografia da DAC/SECJESP –Lagarto (Diretoria de Arte e Cultura da Secretaria Municipal de Cultura da cidade) com fotos de lugares culturais da cidade, o local destinado à entrevista foi a sala da sua casa, que possui uma obra de pintura, esses detalhes, projetaram tanto no lugar quanto no entrevistado, uma imagem que transcende os limites institucionais e possibilita uma ampliação da esfera de discussão, posto que os alunos possuem um saber prévio a respeito do que será discutido e projetam ou reforçam o *ethos* prévio que possivelmente têm do entrevistado. Assim como na entrevista descrita anterior a esta, após as devidas apresentações e posicionamento do material de gravação, o grupo iniciou a entrevista de caráter basicamente oral, que segue transcrita para fins de análise:

Trecho 1 – entrevista 2

AE1 – professor, nos diga o seu nome, sua profissão e sua área de atuação

E2 - Meu nome é José Uesele Oliveira Nascimento, atualmente estou como professor, eu ensino na rede estadual e também eu trabalho com grupos culturais, eu faço parte de um grupo chamado Louvor Sertanejo, que trabalha justamente com as questões do universo do Nordeste, das tradições, das cantigas populares.

AE2 - O Município de Lagarto é um município que possui algumas fachadas ainda de casas antigas conservadas, a gente percebe que tem prédios e(...)

Neste momento há uma interrupção do AE3 que completa o questionamento:

AE3 – é e que tem... assim como... a exemplo da Prefeitura, da Casa dos padres, a casa do finado Bazinho, mas que também que a gente percebe que algumas casas elas foram desmanchadas...

O **AE2** retoma o enunciado e completa:

AE2 - O senhor poderia falar um pouco sobre o patrimônio histórico de Lagarto, se ele é preservado pelo poder público ou é mais pela iniciativa privada?

E2 - Em relação ao patrimônio da nossa cidade, a gente usa muito um conceito, chamado lugar de memória, é um conceito até de um teórico chamado Pierre Nora e ele parte do princípio que os lugares eles têm uma vivência, principalmente uma ligação com a memória do povo, nesse tocante que você falou, a gente pode dividindo o nosso patrimônio, naquele patrimônio “pé de cal”, que é o patrimônio construído, nesse patrimônio construído, geralmente a gente observa nas fachadas das casas e aqui em Lagarto a gente observa que fica mais pela iniciativa familiar essa preservação (...)

(...) mas as outras casas, tipo a casa que morou Sílvia Romero, a casa que morou Laudelino, inclusive descaracterizadas hoje e o que existe de alguma preservação ou de resquício de preservação fica por conta dos seus moradores, nós já tivemos também perdas consideráveis no nosso patrimônio, como por exemplo, a gente de evangelização Santa Maria, que era uma casa ali no centro da cidade, na Rua Laudelino Freire e ela foi demolida, hoje ela serve como estacionamento, é claro que é um estacionamento que tem uma utilidade pública, mas não substitui o ganho histórico que teríamos se aquela casa ainda existisse e tivesse servindo como sede para um centro cultural, para uma casa de memória, então Lagarto, a gente percebe que não tem essa cultura da preservação, existe casas preservadas, isso é certo, por iniciativa familiar, mas a gente ainda carece de muita iniciativa, nesse sentido, até mesmo do poder público para essa questão da preservação.

Entre o **AE1** e o **AE2**, percebemos uma manutenção do que fora posto no roteiro caracterizando, portanto, uma preocupação com a manutenção da imagem prévia de enunciador, já em **AE3**, a espontaneidade em suas expressões denotam que o mesmo não se preocupou com o protocolo do roteiro e inseriu na entrevista um tom mais informal, sem se preocupar com a imagem discursiva que será utilizada para legitimar o processo argumentativo que segue a

posteriori. Esta relação entre o orador e seu auditório se intercala no contexto analisado ao passo que, enquanto aluno/orador este se vê na produção do empreendimento enunciativo, em seguida, este mesmo enunciador toma a posição de aluno/auditório, posto que, o entrevistado/auditório, ao tomar a palavra, toma o lugar de entrevistado/orador. Ainda nessa dimensão, lembramos que para Perelman e Tyteca (2005) é ‘necessária alguma atenção daqueles a quem a argumentação se destina para que esta se desenvolva’, como já descrito no capítulo dois deste TCF.

Ainda na busca da confirmação do *ethos* negativo da cidade de Lagarto e das provas de construção do *ethos* discursivo dos alunos, encontramos nos trechos que seguem outras marcas de referência:

Trecho 2 – entrevista 2

AE4 - O senhor acha que essa disputa política entre saramandaia e bole -bole no município de Lagarto, ela é benéfica ou prejudicial na sua área cultural, na sua área histórica e no âmbito da política social da cidade. Quais são os resultados dessa política dentro do município de Lagarto?

E2 – Olhe, a gente já assistiu muitas coisas em torno dessa política, eu falei para vocês de divisão de famílias e aí essa influência acaba pegando como algo negativo, se a gente vive num sistema democrático, que as pessoas podem, ou em tese poderiam se candidatar a determinados cargos e até mesmo com vontade política, com vontade de fazer, partindo desse princípio, eu acho que essa permanência nessa longa duração, como a gente chama na história, nessa permanência no poder acaba sendo negativa pra nossa cidade, porque se a gente pegar um aspecto dessa política ao longo desses anos, a gente vai ter por exemplo, política do desmanche, pega, um faz em uma gestão, outro chega e desmancha, até que ponto isso chega a ser positivo para uma sociedade, mesmo porque tudo que se envolve, construções, obras públicas, até mesmo a questão de fazer no âmbito cultural, no âmbito social, no âmbito político é dinheiro público, então é dinheiro de todos que está envolvido ali, então essa permanência, esse cabide de empregos, que muitas vezes acontece, essa questão da troca de favores que é tão característico do coronelismo brasileiro e nordestino particular, no sentido local lagartense, acaba sendo prejudicial para nossa sociedade como um todo(...)

(...) então eu não vejo de uma forma positiva não talvez no sentido folclórico, no sentido cultural, no sentido até a gente fala sobre essa política de Lagarto, todo mundo fica curioso, nesse sentido acaba até provocando um frisson em quem ouve, “ah é assim, é dessa forma lá, realmente isso acontece, ainda hoje?” e a gente fala e tudo mais e explica, mas no sentido prático da coisa, estamos carecendo de mudança.

Trecho 3 – entrevista 2

AE3 - Que conselho o senhor daria para nós os jovens, para os estudantes, assim... de como a gente deveria agir como pessoas, quais deviam ser os comportamentos em termos de buscar essa consciência que o senhor falou agora. Quais os princípios que o senhor considera que são importantes pra gente começar a ter essa visão crítica?

E2 – (...) nós que trabalhamos diretamente com esses alunos, a gente percebe que os alunos eles têm essa vontade de mudar, a gente percebe que muitos têm buscado se engajar em movimentos sociais, em movimentos culturais e eu acredito muito nessa forma de engajamento. Quanto mais nós tivermos jovens empenhados em se engajar nesses âmbitos, nos âmbitos que formam a consciência, que nos dá uma liberdade, uma autonomia no sentido pessoal, eu acredito que nós temos muito que ganhar lá na frente(...)

Uma das marcas que consideramos como prova de construção do *ethos* discursivo dos alunos se alicerça no nível de inscrição deles no enunciado enquanto locutor, na medida em que o *ethos* é esse enunciador inscrito no discurso. Até onde ele realmente se interessa pelo que está sendo dito e demonstra a profundidade ou superficialidade do seu envolvimento. Partindo desse pressuposto de Amossy (2013, p.11), é que destacamos os trechos anteriores focando duas observações: a primeira, comparando os questionamentos de AE4 (trecho 2) e AE3 (trecho 3), verifica-se, neste último, procedimentos linguísticos pelos quais AE3 imprime sua marca pessoal no enunciado e se situa em relação a ele, fazendo a pergunta de forma espontânea, como consequência dos argumentos apresentados na fala do E2. A segunda observação é tangente ao questionamento feito por AE4, que seguiu a linearidade estabelecida no roteiro. Não elaborando o enunciado com marcas de personalidade ao proferi-lo.

No tocante à semântica global das entrevistas, percebemos polos distintos quando da caracterização do *ethos político* da cidade de Lagarto. Enquanto que um afirma não ser prejudicial a disputa Saramandaia x Bole-Bole, e justifica a sua argumentação no âmbito da significação da disputa em si, ou da insuficiência de realização de políticas públicas no município por parte de outras esferas governamentais; o outro refuta a afirmativa fundamentando sua argumentação em dados historicamente comprovados. Adentrar no âmbito dessas questões e realizar uma análise mais profunda desses discursos nos levaria a outra direção que não cabe neste espaço.

Ratificamos que o objetivo primordial dessa análise foi mostrar o processo de envolvimento do orador no enunciado, com vistas a identificar marcas de construção e consolidação do seu *ethos* discursivo usando como aporte o gênero entrevista oral. Igualmente é conveniente registrar que a sequência didática sugerida foi desenvolvida em 16 aulas e gerou material audiovisual que deu suporte à criação de material didático-pedagógico; um produto que servirá como uma proposta de intervenção, para ser utilizado em sala de aula, com a pretensão de colaborar com a mediação do processo ensino-aprendizagem do assunto ora abordado, através do emprego de um vídeo aula sobre o gênero entrevista.

Para tanto, partimos doravante para a apresentação da proposta de intervenção que consiste na gravação de um vídeo aula sobre o gênero entrevista, no qual três personagens criados em programa de animação, inspirados em alunos que participaram do processo explicam, de forma descontraída e simples, o passo a passo para a realização de uma entrevista. Numa transição entre o real e o imaginário, a figura dos alunos é substituída por um “anime”⁴ que vai envolvendo o interlocutor numa atmosfera interativa enquanto explicam as etapas consideradas essenciais para a realização dessa tarefa. Para a realização das atividades alguns recursos materiais e humanos foram necessários: computador com acesso à internet, filmadora ou celular com câmera, entrevistas em vídeo, roteiro escrito e a participação de um profissional editor de vídeo com experiência na criação de animes.

Descrevemos a seguir o roteiro do vídeo aula, que é falado pelos “animes”, apresentando a cada cena como se realiza cada etapa de uma entrevista:

Roteiro de vídeo aula sobre o gênero entrevista:

Cena 1

Anime 1 – olá meus amigos, eu sou o Jonatas e hoje vamos fazer uma viagem pelo gênero entrevista!!!

Anime 2 – é isso aí!!! Eu sou o José Gravatá e achei fascinante a ideia de me transformar num repórter!!!

4 ‘**Anime**’ é um termo que define desenhos de origem japonesa, muito parecidos com o estilo Mangá; ou qualquer outro elemento ligado a esse tipo de desenho.

Anime 3 – sai, sai, sai...dá licença eu passar!!!! Olá!!!! Sou Steffanie e vou ajudar esses dois a explicar melhor o que você tem que fazer para conseguir uma entrevista da hora!

Cena 2

Anime 1

1ª etapa - a primeira coisa que faremos é **definir o que queremos saber do entrevistado** - Antes de iniciar a atividade, é importante ter em mente quais pessoas podem colaborar com a coleta de dados e têm disponibilidade em participar da gravação da entrevista. Nesta etapa é imprescindível obter informações sobre o futuro entrevistado e compartilhar com os alunos o objetivo da entrevista, por que vamos realizá-la? Para que servirá essa entrevista?

Cena 3

Anime 2

2ª etapa – depois disso precisamos estudar o gênero e, portanto, **construir um repertório sobre uma boa entrevista** saindo do conhecimento prévio de cada um a respeito do gênero que tanto pode ser oral quanto escrito. É importante assistir outras entrevistas para que se crie esse repertório.

Cena 4

Anime 3

3ª etapa – é a hora de **elaborar um roteiro de entrevista!** Nessa etapa vamos nos reunir em grupo e elaborar as perguntas direcionadas ao que queremos saber, para não correr o risco de sair do foco da entrevista!

Anime 1 – é importante respeitar a opinião de todos e retirar as dúvidas que tivermos sobre o gênero consultando os materiais disponíveis.

Cena 5

Anime 2

4ª etapa – agora precisamos **agendar a entrevista e definir os papéis de cada um:** quem liga pra agendar com o entrevistado, quem pergunta e quem registrará a entrevista.

Cena 6

Anime 3

5ª etapa – que tal se a gente **fizesse uma simulação de como será a entrevista?**

Anime 1 – Boa ideia!!!! Joséééé....traz o celulaaaarr!!!!

Cena 7

Anime 2

6ª etapa – precisamos verificar se não está faltando nenhum equipamento para a **Realização da entrevista**, deixa eu ver... filmadora... tá aqui... cabo de alimentação da câmera... tá aqui... e roteiro da entrevista!!! Pronto!!! Estou pronto!!! Mas acho que falta alguma coisa... Minha equipe!!!! Onde está minha equipe???

Cena 8

Entram os recortes das entrevistas gravadas pelos alunos

Cena 9

Aparecem os animes dos alunos cansados e surge o da professora dizendo que a atividade ainda não acabou, falta a **avaliação**.

Cena 10

Recorta para o depoimento dos alunos sobre a experiência.

Cena 11

Finalização com os créditos e agradecimentos.

No intuito de demonstrar que a experiência pode ser feita também com equipamentos de pouca tecnologia, as vozes dos alunos foram captadas com um celular. Os animes foram construídos utilizando o Paint, um programa padrão de desenho do Windows, as cenas das entrevistas realizadas pelos alunos, bem como fotos e os animes foram acrescidas ao vídeo usando o Sony Vegas e o photoscape, ambos programas baixados da internet gratuitamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos na realização deste trabalho o quão importante é amadurecer com os alunos o pensamento de enriquecimento cognitivo através do contato com o outro/ os outros, ou objeto de representação desse outro, pois consideramos que a linguagem tem em sua função social o caráter primordial da interação entre os seres com a finalidade de dar forma às suas experiências, compartilhá-las, negociar as distâncias de pontos de vista, influenciar o outro e persuadí-lo nas diversas arenas em que a língua se manifesta. Se nos deparamos com um aluno que chega à escola com uma imagem estereotipada construída em sociedade, desvincular esta imagem previamente imposta da que será construída demanda transpor todo o percurso da formação do enunciador para o contexto da sala de aula, para que, fora dela, este mesmo aluno possa assumir uma postura autônoma e persuasiva diante de uma situação discursiva.

Assim o sendo, procuramos contemplar neste estudo o processo de valorização do discente enquanto orador, na busca da consolidação do seu *ethos discursivo*, valendo-se dos gêneros textuais, mais especificamente do gênero entrevista oral, como instrumento de comprovação dessa relação. Pudemos compreender neste processo que o comportamento discursivo existe para além do que se explicita no enunciado e que sem este o outro não permanece. Entender a amplitude dessa dimensão requereu também, a observação e consideração das condições de estruturação de discurso oferecidas pelas escolas, posto que o sistema público de ensino, da forma como é concebido neste país, corrobora e alimenta uma ação de segregação linguística que prejudica o desenvolvimento de uma aprendizagem mais qualitativa.

Esperamos que a partir do entendimento da construção da imagem do orador no discurso e da sua relação com o seu auditório, este estudo contribua para que os profissionais da educação colaborem com o aluno no desenvolvimento de uma argumentação eficaz, conseguindo a adesão do outro frente às suas conclusões sobre determinada realidade; bem como, ajudem a identificar em que momento o professor deve atuar estimulando no discente a valoração do processo de enunciação e o reconhecimento de si na identidade local. De tal modo, há o intento de oferecer contribuições que perpassem para além das reflexões teóricas apresentadas, a respeito da utilização do gênero textual entrevista como instrumento facilitador da construção do *ethos* discursivo do aluno, perpassando pelo uso de Tecnologias da Informação – TI, como recursos

facilitadores da construção dessa relação, além da produção de material didático-pedagógico, vídeo aula.

Igualmente, outro fato importante e singular a considerar neste íterim é como a partir disso tudo houve também uma maior sensibilização dos aspectos culturais e históricos da cidade, bem como do lugar do aluno na sociedade a qual pertence e da identidade coletiva/social da cidade e de seus moradores. Embora o vídeo-aula seja uma proposta geral para se trabalhar com entrevistas, esse trabalho de reconhecimento de si como sujeito social também aparece como uma proposta para a formação de um aluno não só capaz discursivamente, mas crítico e atuante.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M.. Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-28. cap. 4, p. 93-118.
- AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: _____. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-28.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2.ed. [S.l.]: INCM, 2005.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.
- AUCHLIN, A. Sobre a integração experiencial do discurso. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas**, Minas Gerais, v. 12, n. 22 (2008): Scripta 22. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4432>>. Acesso em: 06 nov. 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Questões de literatura e de estética**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- BALTAR, M. **A competência discursiva e gêneros textuais: uma proposta pedagógica para a LPI**. Campinas, Dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010318132006000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jan 2015.
- _____. **Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

BARRA, G. L. L. Liga esse celular! pesquisa e produção audiovisual em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**, GEPIADDE, Itabaiana/SE, Ano 6, Volume 12, jul-dez de 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/viewFile/1889/1648>>. Acesso em: 15 maio 2015.

BEZERRA, C. C. Gêneros textuais e sua contribuição no ensino de línguas: algumas considerações. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UNIGRANRIO, 2011. p. 602-608. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/51.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

BRITO, F. F. V. de; SAMPAIO, M. L. P. Gênero digital: a multimodalidade ressignificando o ler/escrever. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 293-309, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/download/3456/2570>>. Acesso em: 13 jul. 2014.

CAPUTO, S. G. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/1009786/stela-guedes-caputo---sobre-entrevistas>>. Acesso em: 04 dez. 2014.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. Considerações sobre o *ethos* do sujeito jornalista. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. (Org.). **Ethos discursivo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 173-184.

CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CITELLI, A. **O texto argumentativo**. 1.ed. São Paulo: Scipione, 2002. 76 p.

DISCINI, N. *Ethos* e Estilo. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-28. cap. 4, p. 93-118.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. Cap.1, p. 29-44.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORESE. **Metodologia da pesquisa: Como planejar, executar e escrever um trabalho científico**. João Pessoa: EDU, 2003.

GOMIDES, J. E. A definição do problema de pesquisa, a chave para o sucesso do projeto de pesquisa. **Revista do Centro de Ensino Superior de Catalão**, Catalão, ano IV, n.6, 1º sem.

2012. Disponível em: <<http://wwwp.fc.unesp.br/~verinha/ADEFINICAODOPROBLEMA.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

GUIMARÃES, E. Figuras de retórica e argumentação. In: MOSCA, L. do L. S. (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 2.ed. São Paulo: Humanitas Editora, 2001. p. 145-160.

_____. **O *ethos* na argumentação**. 2009. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp42/07.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

HADDAD, G. *Ethos* prévio e *ethos* discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-28. cap. 6, p. 145-166.

HISTÓRIA E CULTURA DE LAGARTO (BLOG). Disponível em: <<http://historiaeculturadelagarto.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 2.ed. São Paulo: Papirus, 2007. 62 p.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

MAINGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R., SALGADO, L. (Org.). ***Ethos* discursivo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-29.

_____. **Análise de Textos de Comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Décio Rocha Silva. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Elementos Linguísticos para o Texto Literário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-28. cap. 3, p. 69-92.

_____. **Gêneros do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. Ed. São Paulo: Editora da Unicamp, Pontes, 1997. cap. 1, p. 9-51.

MARCUSCHI, L. AL. **Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º. e 2º. Grau: uma visão crítica**. Trabalhos em Linguística Aplicada, 30: 39-79, 1997. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/2431>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. AL. **Gêneros Textuais**: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org). 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 15 – 28.

_____. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Oralidade e ensino, uma questão pouco ‘falada’**. In: DIONÍSIO, A. P. e BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Disponível em: <<http://www.parabolaeditorial.com.br/PRODUCAOTEXTUAL.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

MARIANO, M. R. C. P. **As figuras de argumentação como estratégias discursivas. Um estudo em avaliações no ensino superior**. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. O ensino da argumentação na Antiguidade e em um livro didático atual. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.3, p. 104-116, nov. 2012.

MENEZES, N. do C. A. P. **Motivação de alunos com e sem utilização das TIC em sala de aula**. 2012. 132 p. Dissertação (Mestrado em TIC na educação) – Departamento de Inovação, Ciência e Tecnologia, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Portugal, 2012.

MESSIAS, R. A. L. **Metodologia da pesquisa científica**: fundamentos teóricos. 1.ed. São Paulo: Unesp, 2012. 52 p.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVIER, R. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Beneditti. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PARTIDOS POLÍTICOS SUBSTITUÍDOS POR GRUPOS EM LAGARTO, SERGIPE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aeHNCi5Dozw>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

PERELMAN, C.; TYTECA, L. O. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

PESSANHA, J. A. M. (org.). **Sócrates**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PPP. Projeto Político Pedagógico – Colégio Estadual Silvio Romero, 2014.

PROPRIEDADE DO IRREVERSÍVEL (BLOG). Disponível em: <<http://propriedadedoirreversivel.blogspot.com.br/2008/02/o-mito-de-thoth-e-alguns-apontamentos.html>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

Rede Estadual de Ensino de Sergipe. **Referencial curricular**. Aracaju/SE, 2012. Disponível em: <http://seed.se.gov.br/arquivos/Referencial%20Curricular_23-07-12.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2015.

RUIZ, J. Á. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTANA, F. P.; MARIANO, M. R. C. P. A construção do *ethos* de uma cidade e de seus habitantes em uma revista local. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.5, p. 74-88, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista5/eidea5-05.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

SANTOS, C. M. (Org.). **Uma cidade em pé de guerra**: Saramandaia X Bole-Bole. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2008.

SANTOS, L. W. dos. Abordagem textual e ensino de língua portuguesa. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (org.). **Múltiplas perspectivas em Lingüística**. Uberlândia/MG: EDUFU, 2008. p. 1-5.

_____. **Oralidade e escrita nos PCN de língua portuguesa**. UFRJ. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiisenefil/08.html>>. Acesso em 04 abr. 2015.

_____. O ensino de língua portuguesa: PCN e livros didáticos em questão. **Diadorim** (Rio de Janeiro), v. 6, p. 55-68, 2009.

_____. Práticas de linguagem e PCN: ensino de língua portuguesa. In: _____. PAULIUKONIS, M. A. L. (org.). **Estratégias de leitura**: texto e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 59-68.

SCHENEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org.: ROJO, R.; CORDEIRO G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SANTOS, R.M.C.; **Cultura Popular e Educação**: Salto para o Futuro. Org.: SANTOS, R.M.C.; Brasília: TV Escola/SEED/MEC, 2008.

WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/weber-m-economia-e-sociedade-fundamentos-da-sociologia-compreensiva-volume-2.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

XAVIER, L. A. Educação, tecnologia e inovação: o desafio da aprendizagem hipertextualizada na escola contemporânea. In: **(Com)textos lingüísticos**. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/viewFile/6004/4398>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

APÊNDICE

Segue entrevistas transcritas na íntegra.

Entrevista 1

Transcrição do Vídeo: Partidos políticos substituídos por grupos em Lagarto, Sergipe

Locutor: Lagarto, interior de Sergipe

Popular 1: A minha família todinha, é tudo do bole-bole

Popular 2: Saramandaia doente toda hora, é isso aí, aí não existe, é minha família toda

Locutor: O cenário é real, mas os nomes foram inspirados na obra de Dias Gomes para definir os dois grupos liderados por duas famílias que dominam a política da cidade a mais de 30 anos.

Popular 3: Sempre tinha energia de um lado e do outro, do lado e do outro

Locutor: Energia mesmo, não é brincadeira não

Popular 4: Se chegar e falar: “ah eu sou bole-bole”, e for falar perto de um saramandaia aí tem briga, aí tem briga, eu já briguei com dois vizinhos por causa disso.

Popular 5: Eu voto no bole-bole direto, desde pequenininho, desde eu criança que eu sou desse lado do bole-bole

Locutor: Desde criança o povo de Lagarto vê uma realidade típica das novelas, para conquistar o eleitor dava-se tudo: tijolo, cimento, chinelo, roupa, sabonete. As praças da cidade já foram palco de tiroteio entre um lado e outro. Quando a eleição é para presidente a briga é pra ver quem fica mais perto de quem tem mais chance de vencer.

Popular 6 (Prefeitinho): Eles podem se juntar, fazer seus conchavos, seus acordos nacionalmente, estadualmente, mas aqui já no município, bole-bole e saramandaia não se misturam.

Locutor: A saga dos bole-bole e dos saramandaia virou até livro, organizado por este historiador.

Popular 7 (Claudefranklin): Esses grupos se acomodam de acordo com as circunstâncias, para atender interesses familiares, para que eles se perpetuem no poder por tanto tempo e que se mantenham nessa distribuição do poder.

Popular 8 (Ribeirinho): Eu gritava depois do meu lançamento “bole bole”, o povo aí respondia “bole”.

Locutor: O grito já não é mais o mesmo, aos 82 anos, Seu Ribeirinho, o coronelão dos Bole-bole, perdeu quase toda energia para a idade e para o mal de Parkinson e só agora reconhece os efeitos por uma disputa intensa pelo poder.

Ribeirinho: Fomos um tolo, nós somos um bobo, porque nós não devia ter nos encrencado, devia ter se unido mais pra grandeza do Lagarto.

Locutor: Hoje o senhor acha que vocês perderam tempo?

Ribeirinho: Nós perdemos tempo

Locutor: Sem falar do que tanto radicalismo provocou na vida das pessoas

Popular 9 (Cabo Zé): Se você tem uma filha e eu um filho, mas se você é bole-bole e eu saramandaia, eles não namoram.

Locutor: Rosemeire, levou isso em conta na hora de casar e pensa o mesmo em relação aos filhos.

Popular 10: eu gosto do bole-bole, gosto do partido do bole-bole

Locutor: Se o filho da senhora resolver namorar com uma menina do Saramandaia?

Popular 10: Aí não dá jeito não

Locutor: Disputas assim costumam deixar muito prejuízo pra trás, um exemplo disso é esse lugar aqui, foi um balneário na década de 90, construído por um grupo político e abandonado por outro, quem mais perdeu com isso, foi quem deixou de aproveitar este lugar público, hoje totalmente entregue ao mosquito da Dengue. Na cidade deste monumento ao abandono, cada lado tem sua rádio e seus interesses e pulam de partido em partido de acordo com a conveniência, quem representa tal e tal partido, esquerda e direita?

Popular 9 (Cabo Zé): Hoje seria... meu Deus eu nem sei...

Locutor: Difícil definir?

Popular 9 (Cabo Zé): É difícil, é difícil, porque hoje aqui está uma salada completa

Locutor: O tempero dessa salada agora é a última disputa entre eles, quem será o amigo mais próximo do próximo presidente?

Entrevista 2

Transcrição da entrevista com Jerônimo Reis

Aluna 1 - Boa Tarde, meu nome é Carla Beatriz, sou do Oitavo ano B, estudo no Colégio Estadual Sílvio Romero.

Aluna 2 – Boa tarde, meu nome é Larissa, do Oitavo ano B, estudo no Colégio Estadual Sílvio Romero.

Aluna 3 – Boa Tarde, meu nome é Ana Vitória, estudo no Colégio Estadual Sílvio Romero, no Oitavo Ano B

Aluna 4 – Boa tarde, meu nome é Lisiane, estudo no Colégio Estadual Sílvio Romero, Oitavo ano B

Aluna 1 – Estamos aqui para entrevistar alguns políticos de Lagarto

Aluna 2 – E para mostrar a imagem política da nossa cidade

Aluna 1 – Vamos começar as perguntas, por gentileza nos diga o seu nome completo e qual foi ou é a sua atuação no cenário político lagartense.

Entrevistado – meu nome é Jerônimo de Oliveira Reis, fui deputado estadual, meu primeiro mandato, depois fui vice-prefeito de Lagarto, deputado Federal por três vezes e duas vezes prefeito de Lagarto, hoje estou afastado da política pública de mandato, mas exercendo a liderança política do nosso grupo político, que é o grupo Saramandaia, então estou na liderança do grupo, mas não exercendo mandato.

Aluna 2 – O senhor sabe qual o fato político em Lagarto que se tornou histórico na cultura, que é a famosa disputa entre os saramandaia e o bole-bole, em sua opinião essa disputa é positiva ou negativa para a imagem de Lagarto, cenário político?

Entrevistado – A dada do nome de saramandaia e bole- bole foi no ano de 70, 68... a novela saramandaia e tinha briga, na novela a cidade se chamava bole-bole, era administrada pelo bole-bole e aí teve um plebiscito para se mudar o nome para saramandaia e aí se criou naquela ocasião que o nosso grupo seria o saramandaia e os adversários que estavam no governo, que eram nossos adversários, nós determinamos o nome de bole-bole, e aí se criou e hoje já é uma cultura, já faz parte da cultura de Lagarto, você pergunta se é positivo ou negativo, eu acho que é positivo, porque? Porque, cada grupo político quer fazer mais, hoje o comando do município é saramandaia, tenta fazer mais do que bole-bole fez, pra que possa continuar no exercício do mandato, então acho que a briga saramandaia e bole-bole ela é salutar, claro que os membros respeitem a opinião de cada um, não é defeito você ser saramandaia, nem tão pouco bole-bole, continuem se respeitando e cada conseguir trazer pra nossa sociedade, pra nossa comunidade, os empreendimentos, os investimentos que a sociedade espera, principalmente a juventude que cobra muito em obras estruturantes para o progresso da nossa cidade.

Aluna 1: Hoje em dia falamos muito sobre a nossa identidade histórica ou identidade cultural ou identidade política, diante da sua experiência como representante da política em Lagarto, que identidade política o senhor acha que o nosso município possui atualmente?

Entrevistado: No contexto a nível de Estado, a nível de Brasil, Lagarto é uma cidade importante na política sergipana, tem épocas que ela consegue galgar um espaço maior na política de Sergipe, mas infelizmente os políticos que comandam o Estado deixam muito a desejar nos investimentos que o nosso município necessita, Lagarto hoje uma cidade universitária, uma cidade que tem... nos próximos 10 anos quase o dobro da população, é o que se espera e precisa que tenha investimentos muito maior, então eu acho que nós estamos num cenário político no nosso estado ainda carente de empreendimentos para o nosso progresso, mas de qualquer forma hoje, a nossa cidade hoje está bem representada, nós elegemos, faz tempo que isso não ocorre, temos três deputados estaduais, temos um deputado federal e esperamos que esses três representantes do nosso município, aliás quatro representantes do nosso município possam buscar os empreendimentos e buscar o espaço no cenário político do nosso município.

Aluna 3: Todos nós criamos uma imagem do outro e sabemos que o outro cria uma imagem de nós, quando o senhor a frente do cargo discursa, qual a imagem que o senhor procura passar?

Entrevistado: De seriedade, uma imagem daquilo que você está falando, que as pessoas venham a acreditar, que você não pode passar uma imagem negativa, uma imagem de um bom administrador, uma imagem de coisas positivas, coisas importantes para sua sociedade, esse sempre foi meu objetivo, foi de transmitir para a sociedade, para as pessoas que estão do outro lado, quer que seja numa emissora de rádio, quer que seja num palanque, levar uma imagem que as pessoas acreditem que realmente seja verdade aquilo que você está falando, claro que na política muitas das vezes você tem aquela esperança de que vai fazer uma coisa, você divulga uma obra, divulga um projeto, infelizmente os recursos não são suficientes e deixa muita das vezes a sociedade com aquela esperança e iludida porque você anunciou e infelizmente você não conseguiu consolidar aquele projeto, ou seja aquela mensagem que você passou, quer seja numa emissora de rádio, de televisão, num carro de som, num trio elétrico.

Aluna 4: O senhor acha que a cidade de Lagarto se sente representada politicamente através da sua pessoa? Porque?

Entrevistado: Eu tive vinte e poucos anos de mandato e sempre procurei honrar os cargos que a sociedade lagartense me conferiu, eu tenho através das pessoas que nos rodeiam, através de pesquisas, através dos resultados das eleições da qual eu participei, nunca perdi uma

eleição, sempre tive a maioria. Da minha primeira eleição que foi em 1986 até a última, foram 7 mandatos, foram 8 eleições e 7 mandatos, perdi uma que foi a de Senado que foi uma eleição maior que foi a nível de estado, mas as demais todas que eu concorri, eu venci e fui o mais bem votado dentro do município, isso é o que nos dá aquela confiança de que o nosso dever foi cumprido, porque se você vota numa pessoa e essa pessoa não correspondeu, com certeza na eleição seguinte você vai pensar duas vezes se você vai votar, então como eu tive 8 eleições e todas as 8 eleições eu fui o mais bem votado em Lagarto, eu tenho certeza que o resultado pra mim tem demonstrado perante os resultados das eleições que foi favorável aos benefícios ao qual eu pude fazer para a minha cidade.

Aluna 1: Agradecemos sua atenção

Entrevistado: quero agora agradecer a vocês, parabenizar pelo trabalho, aos professores, as pessoas que fazem o Sílvia Romero, e tenho certeza que esse é um trabalho muito importante, porque a juventude, esses adolescentes que estão amadurecendo para o mercado de trabalho, precisa conhecer os políticos da sua cidade, acredito que se eu perguntar aqui talvez alguns deles nem saiba que eu fui prefeito de Lagarto, porque o tempo passa, eu fui prefeito elas estavam nascendo, eu saí da prefeitura em 2001, acho que vocês nasceram em 2000...

Aluna 2: Mas, o senhor nunca foi esquecido pela nossa cidade.

Entrevistado: Graças a Deus, pelo trabalho que a gente tem feito, para você ter uma ideia o período que eu saí da prefeitura, elas estavam nascendo, então não conheceram meu trabalho, nós temos obras em Lagarto, e infelizmente nem todos conhecem, mas graças a Deus o que eu pude fazer de bom, eu fiz pra nossa cidade, Parabéns, boa sorte para vocês.

Aluna 3 – é porque eu escuto meu pai falando e minha mãe...tem que ser bole-bole, tem que ser saramandaia, e eu acho tudo isso uma bobagem.

Entrevistado - quero agora agradecer a vocês, parabenizar pelo trabalho, aos professores, as pessoas que fazem o Sílvia Romero, e tenho certeza que esse é um trabalho muito importante, porque a juventude, esses adolescentes que estão amadurecendo para o mercado de trabalho, precisa conhecer os políticos da sua cidade (...) Parabéns, boa sorte pra vocês.

Entrevista 3

Transcrição da entrevista com o professor José Uesele

Entrevistador: O seu nome, sua profissão e sua área de atuação

Uesele: Meu nome é José Uesele Oliveira Nascimento, atualmente estou como professor, eu ensino na rede estadual e também eu trabalho com grupos culturais, eu faço parte de um grupo chamado Louvor Sertanejo, que trabalha justamente com as questões do universo do Nordeste, das tradições, das cantigas populares.

Entrevistador: O Município de Lagarto é um município que possui algumas fachadas ainda de casas em termos de seu patrimônio histórico conservadas, a gente percebe que há prédios e estruturas físicas antigas, a exemplo da Prefeitura, da Casa Paroquial, a casa de Arnaldo de Bazinho, mas também a gente percebe que algumas casas elas foram perdendo a sua

caracterização. O senhor poderia falar um pouco sobre o patrimônio histórico de Lagarto se ele é preservado pelo poder público ou é mais pela iniciativa privada.

Uesele: Em relação ao patrimônio da nossa cidade, a gente usa muito um conceito, chamado lugar de memória, é um conceito até de um teórico chamado Pierre Nora e ele parte do princípio que os lugares eles tem uma vivência, principalmente uma ligação com a memória do povo, nesse tocante que você falou, a gente pode dividindo o nosso patrimônio, naquele patrimônio “pé de cal”, que é o patrimônio construído, nesse patrimônio construído, geralmente a gente observa nas fachadas das casas e aqui em Lagarto a gente observa que fica mais pela iniciativa familiar essa preservação, dentro dessa questão a gente sabe que Lagarto só tem um bem tombado, em todo universo lagartense a gente só tem um bem tombado que é o Grupo Escolar Sílvio Romero, é um tombamento de 1995, de iniciativa estadual, outras fachadas, como por exemplo, a própria igreja quem mantém é a igreja, tanto a casa paroquial quanto a própria Igreja Matriz Nossa Senhora da Piedade, que fica aqui no centro, isso aí é de iniciativa da própria igreja, até as próprias construções, as reformas foram encabeçadas pelos párocos da época e outras casas a exemplo da de Sílvio Romero, assim, o prédio da Filarmônica a gente tem um investimento, da questão pública, entra com alguma coisa ali, em parceria, mas as outras casas, tipo a casa que morou Sílvio Romero, a casa que morou Laudelino, inclusive descaracterizadas hoje e o que existe de alguma preservação ou de resquício de preservação fica por conta dos seus moradores, nós já tivemos também perdas consideráveis no nosso patrimônio, como por exemplo, a gente de evangelização Santa Maria, que era uma casa ali no centro da cidade, na Rua Laudelino Freire e ela foi demolida, hoje ela serve como estacionamento, é claro que é um estacionamento que tem uma utilidade pública, mas não substitui o ganho histórico que teríamos se aquela casa ainda existisse e tivesse servindo como sede para um centro cultural, para uma casa de memória, então Lagarto, a gente percebe que não tem essa cultura da preservação, existe casas preservadas, isso é certo, por iniciativa familiar, mas a gente ainda carece de muita iniciativa, nesse sentido, até mesmo do poder público para essa questão da preservação.

Entrevistador: Em relação a história política do município de Lagarto, existe um fato que é citado até no Wikipedia e que é muito famoso, que é justamente a disputa política aqui da cidade, saramandaia e bole-bole, o senhor poderia falar um pouco sobre essa política de disputa dentro do município e quais são seus efeitos dentro da história e da cultura do município?

Uesele: Se a gente pegasse essa tradição de famílias se monopolizarem no poder e a gente usar a história como pano de fundo sociológico pra trazer e explicar isso, a gente vai pegar isso aí até mesmo na tradição colonial. O Brasil ele foi dividido, ele foi recortado em capitânias hereditárias, então nós tivemos sesmeiros, capitães donatários, que já detinham esse poder, logo no início, a gente pega essa questão dos 500 anos do Brasil, pegando essa questão da chegada dos portugueses e tudo mais e aí a gente vai ter também a estrutura, o governo-geral quando vai ser criado, ele vem com estrutura, em 1549, quando o governo-geral é criado, nós vamos ter também dentro das vilas, não eram nem cidades, eram vilas, nós vamos ter uma estrutura chamada câmara municipal, que até hoje existe, com os vereadores, só que na época nós tínhamos os “homens bons” e o que era o “homem bom”? era justamente um homem que tinha um poder, um poder aquisitivo e um poder de influência na localidade, se a gente foi catrisar o homem bom lá no início da colônia, a gente vai ter um homem que detinha gado, porque ter terra e gado era mais do que ter dinheiro, aí se você pergunta para um latifundiário hoje, pra um grande fazendeiro: o seu dinheiro ele é representado em que? Terra e gado. É, porque se ele vende esses bens, ele vai ter esse retorno, aí os “homens bons”, eles tinham essa terra, eles tinham esse gado, tinham esse quinhão e tinham também a escravaria, a mão de obra escrava, ou seja eles detinham influência

muito grande nesse território de atuação, não só uma influência política, mas uma influência econômica e se a gente fazer esse diálogo passado presente, quem são os nossos homens da política? Também ele tem um poder aquisitivo e esse poder ajuda a sustentar essa influência política, todo mundo sabe que pra estar no meio político, tem que ter bens para poder investir, e aí essa trajetória política brasileira foi sustentando durante muito tempo, se a gente pegar o termo que caracteriza essa disputa política em Lagarto e mais precisamente no Nordeste, a gente vai ter um termo chamado coronelismo. Quem era o coronel? O coronel nessa patente, era uma patente militar que surgiu no período regencial quando vai surgir a instituição da Guarda Nacional, o embrião do exército brasileiro e essa Guarda Nacional, que também tinha uma facção local, uma guarda local para justamente fazendas não serem invadidas, pra justamente essas propriedades serem protegidas, então tudo em favor de quem tinha poder, quem tinha poder não ia deixar obviamente que seus bens, que sua terra fosse invadida ou ele fosse desapropriado, então ele tinha que manter de alguma forma e a forma de manter era justamente através dessa guarda e aí a guarda tinha um líder, esse líder dentro do sentido local era um coronel, era um chefe da guarda e aí vai surgir no Período regencial brasileiro que está situado em 1831, em 1840, justamente aquele período em que o D. Pedro II, por força de lei não podia assumir, mesmo que era uma criança, não tinha nem como assumir e aí quem ficou assumindo no Brasil foi justamente os políticos daquele período através das regências provisórias e as regências permanentes, dizem até que a gente viveu uma espécie de experiência republicana, em meio a dois períodos imperiais, ou seja o período em que D. Pedro I governou e depois o período mais longo, o segundo Império. O D. Pedro II que era um homem muito preparado, ele ficou quase meio século no poder, então imagina né, então essa característica desse coronelismo é justamente o revezamento de poder, as poucas famílias que tem influência na região, elas conseguem se manter por muito tempo e se manter como, a gente se pergunta, como isso foi se estruturar? Eu estou costurando aí toda questão lá do período colonial, passando por um período intermediário entre os dois impérios brasileiros e isso vai se instituir legalmente na Constituição Brasileira, na República Brasileira, nós vamos ter um Campos Sales já no período, porque quando a gente vê a trajetória republicana, a gente vai ter aí o período dos militares, que é aquela república das Espadas, depois nós vamos ter a República Oligárquica, ou seja, oli poucos, garquia poder, poucos no poder e quem eram esses poucos? A gente vai dividir na estância federal e a gente vai ter a famosa política do café com leite, São Paulo e Minas Gerais que se monopolizavam, mais uma vez pela questão política, por deter, Minas Gerais detinha o maior colégio eleitoral, imagine, hoje São Paulo, grande metrópole e Minas Gerais era que detinha o maior número de votantes na época, além disso Minas Gerais detinha o poder econômico, a questão da grande quantidade de gado de corte e também do gado leiteiro, por consequência aí o queijo de Minas que hoje é tão conhecido no Brasil e no mundo, como patrimônio inclusive, vai sustentar nesses primeiros anos da república Minas Gerais como grande força política, por ser grande força econômica. São Paulo por sua vez era o grande detentor, a gente sabe que depois da decadência do Vale do Paraíba, o oeste paulista vai surgir como grande centro cafeicultor e aí São Paulo vai ser o grande produtor de café e o grande exportador de café, mais uma vez a questão da força econômica que vai servir a questão política, eles vão liderar, esses grandes fazendeiros, eles vão estar nos congressos, no Senado, como Deputados, mas uma vez aquela ideia, se a gente pegar o Império, a Primeira Constituição, foi chamada de Constituição da mandioca, só poderia se candidatar ao cargo público quem plantasse determinados alqueires de mandioca, então a gente sempre percebe essa questão da influência do poder econômico servindo a questão política e aí chegando nessa ideia, eu falei do Campos Sales, Campos Sales foi um governante civil, que governou o Brasil, foi

Presidente do Brasil entre 1898 e 1902, ou seja, nessa transição entre o século XIX e o século XX e o que é que ele vai instituir? Ele vai instituir a chamada política dos Governadores e nessa política dos governadores, nós vamos ter justamente esse embrião do coronelismo, lá em cima, na estrutura federal, nós vamos ter a política do café com leite, São Paulo e Minas vão governar e aí, como é que ele vai alinhavar, ele vai costurar essa estrutura de poder, essa rede do poder no Estado e nos Municípios, aí nós vamos ter nos grandes estados brasileiros, já falando de República, grandes representantes e nos municípios esses grandes representantes também e sempre naquela lógica da troca de favores, você constrói uma escola na minha região e eu garanto determinada quantidade de votos, você constrói uma ponte que está quebrada e eu garanto pra você essa quantidade de votos e se dava entre a estrutura estadual e a estrutura municipal. No município acontecia até mesmo aquele corpo a corpo, a gente chamava voto de cabresto, então as pessoas, em sua grande maioria analfabeta, elas ficavam satisfeitas por ganhar um punhado de farinha, uma dentadura, uma enxada, isso ia servir até mesmo do cara que tem influência, seria esse coronel, apadrinhar uma filha que vai se casar, apadrinhar um menino que vai se batizar, então esse sentido de gratidão, principalmente no lugar mais... no interior do país, aí o Nordeste vai estar como frente de linha nessa questão do coronelismo, a gente vai ter lá no Ceará a família Aciolli, quem nunca ouviu falar da família Aciolli, se sustentou durante 40 anos no poder, a influência de Padre Cícero e tudo mais, ou seja o poder religioso também alinhado ao poder político, tudo isso para poder sustentar essas estruturas, então aqui em Lagarto não foi diferente, eram comuns os apelidos, a gente vai perceber “boca branca” e “boca preta”, a gente vai perceber os pebas e os cabaús, essas nomenclaturas acabavam folclorizando a questão política e a questão de Lagarto principalmente depois da década de 60, 70, a gente vamos ter agremiações, representantes políticos que vão estar a frente desse coronelismo, isso acabou chegando pra gente como herança, uma herança, uma mentalidade que foi sendo construída e aí figuras políticas foram sendo construídas em cima dessas nomenclaturas, famílias que se revezavam no poder, lutavam pelo poder e acabavam se mantendo no poder e até hoje essa tradição política difícil de ser quebrada, porque ficou no imaginário, dividiu famílias de entorno dessas agremiações, então o coronelismo é justamente esse fenômeno, fenômeno político e social, que chega a Lagarto, não diferente de outras regiões do Nordeste e acabam tendo como testa de ferro famílias que vão se revezar no poder, vão monopolizar o poder em suas mãos, vão usar o poder de barganha política, de influência pra garantir votos e se manter no poder, então a gente poderia definir assim a rápidas pinceladas que o coronelismo em Lagarto chegou dessa forma e se mantém nessa forma.

Entrevistador: O senhor acha que essa disputa política entre saramandaia e bole bole no município de Lagarto, ela é benéfica ou prejudicial na sua área cultural, na sua área histórica e no âmbito da política social da cidade. Quais são os resultados dessa política dentro do município de Lagarto?

Uesele: Olhe, a gente já assistiu muitas coisas em torno dessa política, eu falei para vocês de divisão de famílias e aí essa influência acaba pegando como algo negativo, se a gente vive num sistema democrático, que as pessoas podem, ou em tese poderiam se candidatar a determinados cargos e até mesmo com vontade política, com vontade de fazer, partindo desse princípio, eu acho que essa permanência nessa longa duração, como a gente chama na história, nessa permanência no poder acaba sendo negativa pra nossa cidade, porque se a gente pegar um aspecto dessa política ao longo desses anos, a gente vai ter por exemplo, política do desmanche, pega, um faz em uma gestão, outro chega e desmancha, até que ponto isso chega a ser positivo para uma sociedade, mesmo porque tudo que se envolve, construções, obras públicas, até mesmo a questão de fazer no âmbito cultural, no âmbito social, no âmbito político é dinheiro público,

então é dinheiro de todos que está envolvido ali, então essa permanência, esse cabide de empregos, que muitas vezes acontece, essa questão da troca de favores que é tão característico do coronelismo brasileiro e nordestino particular, no sentido local lagartense, acaba sendo prejudicial para nossa sociedade como um todo, eu sou favorável a questão sempre do mudar, mas mudar no sentido do avançar, porque as vezes você muda uma figura política e não se muda a mentalidade, não se muda o enraizamento ainda daquelas famílias que se mantiveram no poder e de certa forma direta ou indiretamente acaba se mantendo e tendo influência na eleição seguinte, então eu não vejo de uma forma positiva não, talvez no sentido folclórico, no sentido cultural, no sentido até a gente fala sobre essa política de Lagarto, todo mundo fica curioso, nesse sentido acaba até provocando um frisson em quem ouve, “ah é assim, é dessa forma lá, realmente isso acontece, ainda hoje?” e a gente fala e tudo mais e explica, mas no sentido prático da coisa, estamos carecendo de mudança.

Entrevistador: Como professor, como historiógrafo, como cidadão, que sugestões o senhor daria para os jovens, para os estudantes hoje em dia, que eles pudessem... haveria alguma ação que eles pudessem para mudar essa imagem da cidade, a imagem da cidade o senhor vê que lá fora ou aqui dentro, ela é negativa, o senhor acha que essa disputa é também alimentada pela população?

Uesele: Está aí uma questão difícil, as questões sociais, elas são complicadas de se responder, porque o ser humano ele é complexo e até mesmo das pessoas mais intelectualizadas e até mesmo de pessoas que tem, tiveram o estudo, a gente consegue ainda perceber dentro de si essa questão de família, porque isso é uma questão familiar, é uma questão que ele foi crescendo vendo aquilo, então mesmo ele tendo uma consciência, muita das vezes na hora da eleição, nas vésperas parece que tem um grito que fala mais alto, tem uma voz que fala mais alto e aí essas consciências são perturbadas, esses gritos perturbadores em relação a essas pessoas fazem com que a gente se perpetue, então eu acho que a mudança tem que ser pensada sim no âmbito social, acho que nós enquanto professores, enquanto agentes sociais, formadores de opinião, se a gente não acreditar que somos responsáveis por essa mudança em sala de aula, aí é que tudo acabou, então eu acredito que nós enquanto agentes sociais, enquanto professores, temos que continuar fazendo nossa parte, fazendo nossa parte no sentido de que, conscientização, mostrando os caminhos, é claro que a gente não vai está com ninguém lá na hora, nós não estamos mais no voto de cabresto, hoje todo mundo vai lá, é livre pra teclar lá na urna e é isso que vai valer, mas o que tem que mudar primeiro é a consciência e enquanto professor, quando dá para fazer esses links, quando a gente está falando de política, a gente tem que fazer essa conscientização, tem que mostrar o caminho usando a história, a gente mostra o caminho, mostra como aconteceu no passado e deixa aquele velho questionamento: vocês querem isso até quando pra vocês? E isso é possível mudar e tem que mudar a partir de quando? Acho que a partir de agora. Então, quando essa consciência for mais forte do que essa tradição que veio até nós, acho que a gente vai conseguir mudar alguma coisa. É complicado dizer pra você, mesmo porque a gente não trabalha com essa ideia de projeção de futuro quando isso vai acontecer, mas a gente acredita que isso vai acontecer um dia, pelo menos a gente espera.

Entrevistador: Que conselho você deixaria para os jovens, para os estudantes, não em termos de conselho, mas de ensinamento mesmo, de como eles deveriam agir como pessoas, quais deveriam ser seus comportamentos em termos de busca de conhecimento, de procurar essa consciência que o senhor falou agora. Qual seria enquanto postura, comportamento do aluno, princípios que o senhor consideraria que seria basilares para eles começarem a ter essa visão crítica dessas situações?

Uesele: A gente acaba, tem até uma questão muito forte socialmente, comparando sociedades, a gente não pode comparar, “ah, o lagartense gosta menos de estudar do que o Itabaianense ou do que alguém que mora na capital”, eu não vejo particularmente isso, nós que trabalhamos diretamente com esses alunos, a gente percebe que os alunos eles tem essa vontade de mudar, a gente percebe que muitos tem buscado se engajar em movimentos sociais, em movimentos culturais e eu acredito muito nessa forma de engajamento. Quanto mais nós tivermos jovens empenhados em se engajar nesses âmbitos, nos âmbitos que formam a consciência, que nos dá uma liberdade, uma autonomia no sentido pessoal, eu acredito que nós temos muito que ganhar lá na frente. Então, quanto a questão que eu colocaria é, quanto mais você estuda, você cria consciência, e pra criar consciência não basta só tá no livro, ler é importante, sempre vai ser, mas se engajar em movimentos culturais, em movimentos sociais, ver como a coisa acontece, eu acho que é a partir daí que vai emanar uma outra consciência, eu acredito muito no engajamento e até mesmo político, se fala muito “ah, o jovem não deve se envolver na política”, mas se não se envolver na política, se as pessoas que a gente encara como “pessoas boas”, como pessoas que podem mudar, tem uma consciência diferente, se esses não se envolverem, o que será de nossa política? Aí realmente a gente vai estar criando entraves, entraves para que isso se perpetue. Eu falei anteriormente que a gente não tem como definir quando isso vai mudar ou quando isso pode mudar, então partindo do princípio de agora que os jovens possam estudar, a cidade ela tem crescido demais, se a gente pegar aí parâmetros de população, nossa cidade está com projeção de crescimento muito grande, já passamos dos 100 mil habitantes e as coisas estão chegando por aí, universidade, os grupos cada dia surgindo, grupos culturais, então eu acredito que essa força propulsora dos nossos jovens, ela está entremeada em algum lugar da cidade, basta que ele busque, isso já existe, esse trabalho já existe, basta a vontade, basta aquele velho querer, com esse velho querer, com essa inserção nesses espaços a coisa vai começar a acontecer e vai acontecer com muita força, eu vou partir desse viés do acreditar, acreditar sempre numa mudança, se não a gente vai pegar aquele signo de pandora e vai ficar sempre naquela ideia de que nada é possível, não a esperança ela tem que existir e a esperança em todos os âmbitos, no cultural, no político, no social, temos, temos que acreditar e acreditar na juventude, que é o futuro imediato do país, da nossa cidade.

Entrevista 4

Transcrição da entrevista com Assuero Cardoso

Aluna 1: Por gentileza, nos diga seu nome completo e qual foi ou é sua atuação no cenário cultural lagartense?

Entrevistado: Meu nome é Assuero Cardoso Barbosa, sou de Lagarto, Sergipe, nasci aqui nessa casa aqui vizinha e a minha atuação primeiramente é ser professor, minha profissão e sou poeta por inspiração, e ator por devoção e compadre da professora Angélica por amor, na verdade ser poeta nessa terra é um privilégio, porque eu me sinto querido pela cidade, dizem que santo de

casa não faz milagre, mas eu acredito que faz mesmo, porque já estou no meu sétimo livro e graças a Deus em todos os lançamentos as pessoas comparecem, prestigiam e valorizam, não tenho nada a falar de ruim deste apoio que a cidade me dá.

Aluna 2: Você é considerado pelo Município o nosso poeta, o poeta lagartense, como é para você deter essa imagem?

Entrevistado: Como já falei é um privilégio, e até é meio difícil, mas não só eu sou poeta daqui da cidade, além de mim, eu posso considerar dos anos 80 pra cá, o mais antigo talvez, não pela idade, mas o que primeiro a lançar um livro, mas tem outros agora atualmente que eles são capazes, eles estão no mesmo caminho e indo muito bem, o César de Oliveira, o Jaflety Pedro, a nossa Lísia, nossa Angelica Amorim, nós temos Afonso Augusto, nós temos aí um monte de poetas novos que podem muito bem seguir em frente e eu posso até ficar feliz por isso porque acho que eu dei uma luz, acho que eu abri um caminho, quando no meu tempo não existia tanto apoio, quando eu era adolescente eu não tive tanto apoio assim, mas agora o pessoal sabe bem o caminho, onde encontrar recurso, eles sabem que não precisam esperar por ninguém, tem que ir pra frente e seguir o caminho certo, eu me sinto responsável por essa juventude que está seguindo aí num caminho bom.

Aluna 3: Você é uma pessoa que sempre incentivou a cultura lagartense e sempre representou a cidade em vários concursos, levando o nome de Lagarto além fronteiras. Com base na sua experiência (?), a memória cultural lagartense, qual é a imagem cultural de Lagarto que você acha que foi criada e como ela é atualmente?

Entrevistado: Nós fomos sempre uma cidade chamada de cidade de intelectuais, desde o início do século XIX até os tempos atuais, nós tivemos três membros da Academia Brasileira de Letras, que é o Sílvia Romero, o Laudelino Freire e o Aníbal Freire, depois daí muito pouca coisa aconteceu, mas nos anos 70, depois da ASCLA, Associação Cultural de Lagarto, houve um incentivo maior pra juventude, não sei se eram os anos de regime militar que ajudaram a protestar, e os protestos da minha época não eram como os de hoje, queimar ônibus, quebrar vidros, não era isso não, protesto era a gente fazer concurso de poesia, era fazer música, pegar os cartazinhos, ir pra rua, a juventude era mais conscientemente política, na minha época, hoje a coisa está difícil, mas representar Lagarto e levar o nome de Lagarto pra longe é um orgulho intenso, porque não é a minha poesia que está ali, tá ali também o nome da minha terra, que eu sou bairrista, eu sou apaixonado por essa terra, tenho orgulho onde nasci e gostaria que os jovens todos tivessem. De onde eu sou? Sou de Lagarto, Sergipe, nordeste e não tivessem vergonha, é como a gente sai daqui vai pro sul e volta falando o sotaque deles e eles passam aqui anos e não falam o nosso, então parece que a gente não se gosta, a gente não se identifica, então até um dia desses eu vi num facebook, eu ri muito “eu prefiro o meu oxente, do que o meu lepo lepo”, alguma coisa assim, então o meu oxente do forró é melhor do que isso aí, que surgiu lá do sul, nós somos bons e a gente deve ter orgulho mesmo de onde nasce, então o que eu levo para os concursos de poesia não é o nome de Assuero Cardoso, é o autor, mas a obra vem toda dessa cidade, onde eu nasci, onde eu devo tudo.

Aluna 4: Você poderia nos falar um pouco sobre as riquezas culturais de Lagarto, contemplando o que o senhor acha que mais representa nossa identidade cultural

Entrevistado: Nós temos um cenário cultural bastante rico, embora não muito, ainda, valorizado, estão começando a valorizar agora, na verdade, com pessoas conscientes na cultura, como eu cito sempre, Angelica Amorim, que faz um trabalho muito bonito. O que identifica Lagarto? Talvez os poetas, os grandes nomes, como eu já citei os três, Sílvia Romero, Laudelino Freire, Aníbal Freire, a música, o Los Guaranys, identifica Lagarto, a nossa culinária, a maniçoba, a bolachinha, o ginete, o doce de pimenta é uma identidade nossa, o arroz de galinha, a hospitalidade com que os lagartenses recebem os visitantes, nós somos muito mão aberta, quando chega gente de fora a gente já agrada e lá em outras cidades a gente não vê isso não, a gente vê cara feia, a gente não, a gente ri, nós somos um povo muito hospitaleiro, muito terno, nossa identidade realmente é a gentileza, é a poesia lagartense, é a música lagartense, agora o Diego Costa é uma identidade nossa no esporte, aliás mundial, que bom, e tudo que eleve Lagarto e coloque a gente lá em cima faz nossa cultura, não esquecendo o nosso grupo folclórico Os Parafusos que é o único no Brasil e poucos jovens sabem a história e poderiam muito... pra valorizar a gente tem que conhecer e muita gente vê passar e acha que um homem de saia, um monte de homem de saia branca dançando qualquer coisa, não é não, tem uma história atrás daquilo, as Taeiras tem uma história atrás daquilo, a 200, 300 anos atrás, tem. Então, as escolas deveriam trabalhar mais isso pra que a gente aprendesse e dissesse “nossa, como nossa história é rica, agora sim eu posso valorizar porque eu sei o que tô fazendo, sei o que tô falando”

Aluna 5: Na sua opinião qual a importância da cultura na vida de uma pessoa e o que está faltando na escola na educação para que a cultura aconteça também?

Entrevistado: A cultura abre mentes, a cultura abre caminhos, deixa o jovem olhando a vida de todos os lados, pra frente, pra trás, em cima, em baixo, ela não freia o pensamento do jovem, ter cultura é ler, além de tudo, é ter conhecimento, é saber discernir, é saber interpretar coisas, saber interpretar o mundo, e o que a escola podia fazer com isso? Eu trabalho numa escola que eu amo, o Sílvia Romero, eu trabalho a mais de 28 anos lá, que eu percebo assim, que tem gincanas que a juventude quando é alguma tarefa, fazer alguma coreografia, essas musiquinhas que não dizem nada, essa “soca, soca, soca” da vida, que não diz nada, eu acho que o professor também tem que saber, e tá uma falta danada de professor também que goste, que tenha um bom gosto musical, que tenha um bom gosto, que leia também, e vocês não se enganem que tem professores que tem preguiça de ler, então, eu acho que a gente devia estar mais preparado para passar coisas melhores para vocês, para que vocês não fiquem limitadas a essas coisinhas que vocês ouvem dita pela televisão, que muitas vezes não dizem nada, então a escola é muito, muito importante na formação da juventude e a juventude de hoje ainda não sabe cobrar da gente, mas a gente tem muito pra dar.

